

JALUNDES

ALBERTE PAGÁN



PATENTADO
FABRICADO POR SANCEL, S.A.

PELICULA FABRICADA E IMPRESA POR LA CELLOPHANE ESPAÑOLA



Galiza 2022

ALBERTE PAGÁN

JALUNDES



Galiza 2022

JALUNDES

Entrance



سوق برقاش الحكومى
للماشية والجمال
تذكرة دخول للسياحة

FROUMA

ERVELHAS · umha duas três quatro cinco sete
quicá lembrança falsa | devir certo: o passado é imprezível |, alta probabilidade de a tam temperá idade nom saber nom compreender os números — difícil espulgar porém essa idea clara esse objetivo inquestionável de averiguar a capacidade das fossas nasais → quantas favas? — a imagem está aí, indelével: umha criança, quase um bebê, sentado na valeta frente à casa | antes do arranjo da paupérrima estrada nacional que renguea perante a porta no que dalmiro, o pai, terá um papel inesperado |, nom sabe se lembra umha tarde de verao, nom lembra a origem das ervelhas que umha a umha com parcimônia científica introduz polas ventas, primeiro a direita | mas como comprovar se o binómio direita-esquerda fora já implantado na jovem e moldável mente |, depois a esquerda, umha a umha, oito nove dez onze doze treze — o resto | a mai correndo cara à criatura | talvez a criatura cruzando a estrada de regresso a casa com bágoas nos olhos e dificuldades respiratórias |, a visita ao médico | nom sabe como saber se ao hospital | | só pode ser lembrança adquirida, transmitida, nom autogerida
o mais assombroso, o que agora atiaxa o adulto surgido daquela repoluda criança, é a intencionalidade científica do

A1

experimento | qual é a capacidade das fossas nasais? | e o engenhoso e efetivo método de cálculo | pesquisa do elemento ideal, tamanho e forma, para levá-lo a cabo | desenhado para tal fim

intencionalidade científica, procura de razons, perseguinto de respostas ^{por que?} que se repetirá na infância, mas numha infância já lingüística e recordada, com igual de trágicos resultados | → a que sabem as línguas? proporá-lhe ao eládio, experimento que rematará em senlhas inesperadas e incompreensíveis labaçadas da vizinha de em baixo, mai do pequeno vizinho de em baixo e único amigo | e já nom o abandonará jamais — mas o caso das favas seguia a ser único por ser lembrança, a primeira lembrança dumha vida, que aboiava num oceano de inconsciência e esquecimento

o presente principia com a primeira memória = antes o vazio, as tebras, a inexistência: a história — a partir de aí | tudo assumível dimensionável | → a construção da pessoa — cada novo nascimento reinicia o cômputo | ano zero | e o que era memória viva torna-se análise histórica
nom se pode esquecer o já esquecido

A2 **TRATOR** · um ano de vida de criança equivale a cinco anos de pessoa adulta — o tempo acelera-se com maior ímpeto quanto mais perto da tumba estamos: os anos pesam acumulativamente e empurram-nos tobogám abaixo em progressom geométrica, pendentes exclusivamente da queda: sem tempo para o desfrute panorámico — é por isso que nom chegas a entender | a entender-te, a entender essa parte de ti que é a tua infância | a insólita persistência na demanda do mesmo joguete ao longo de três longos e formativos anos

chegava o natal, vinham os reis → calcetim com petiçom

dormindo ao relento: e à manhã aí estava o agasalho — o que pediras? — o que pedira o neno? — si — nom — o neno vira recentemente outra criança a jogar nos quatro-caminhos montado num trator de plástico com pedais, ao neno antolhara-se-lhe | se se lhe pode chamar antolho a umha arela que durou mais de três anos | brinquedo semelhante e na sua torpe fala tentou explicar que tipo de trator desejava — o que chegou foi umha miniatura de trator que cabia na palma da mao — amaro, o infante, era consciente das limitaçoncs econômicas familiares | se nom neste caso particular ou a esta temperá idade si claramente noutros momentos da infância por vir | e por esta razom a decepçom suavizou-se com um aquel de compreensom — nom te educárom para crer nos reis? pergunta agnieszka — si claro — e cria neles — e sabia que eram eles os que traíam os presentes — mas dalgum jeito entendias que a pobreza dos fogares tinha relaçom direta com a inópia dos regalos

ao ano seguinte, chegadas as mesmas datas, amaro insistiu na sua petiçom — a soltura verbal adquirida ajudou-no a explicar com maior precisom o solicitado | o tamanho do solicitado | : grande trator de pedais que poda montar — a decepçom chegou em forma de trator de plástico do tamanho dum sapato

ao ano seguinte, chegadas as mesma datas, amaro insistiu: o trator recebido aumentava de tamanho | e cambiava de cor | de ano em ano, mas amaro nom queria um trator, o que queria era um veículo sobre o que montar e pedalar — após três anos | mais da metade da sua vida | o desencantado neno renunciou → perda da fé, nacimiento da consciência social

a tua teimosia é lendária, aponta agnieszka: aí estám as fontes/1

1/ saio do curral pola porta grande miro as pedras do muro que separa o caminho das vinhas o lugar no

que estava a pedra polida trapezoidal que de neno me servia de moto dava-me polas coxas já nom está e mais adiante um oco no mesmo muro passo para peons que era o meu automóvel com os seus assentos respaldo e alavanca de câmbios e ali perto outro oco o meu trator estes eram os meus veículos

A3 **TAQUILE** · fume negro na paisage, arrecendo a goraka → quei-
ma ilegal de totora — desde o lago que é mar | breve es-
cala nas ilhas flutuantes para deixar provisons | : partilha
de lancha com sayri o fotógrafo e tole gon o pintor | pi-
casso dos andes nas suas afoutadas palavras | que vés de
conhecer, que conheces mesmo aí na barca | s/. 12 i/v,
três horas de espaço-tempo compartilhado | que partilha-
des, sayri com viseira e cara alongada, basta como papel
de embrulho, tole gon cara de lua negra, ovalada e histó-
rica como nat, sobre a que descansa pelo azeviche em cir-
cular composiçom — em taquile subides os quinhentos
degraus | além do mar = o illimani | e ides diretamente a
casa felisia | que tole e sayri conhecem: nom é a sua pri-
meira visita: preços amistosos: s/. 5 | onde deixades as
bolsas e preparades as candeas para umha noite sem ele-
tricidade — saídes à praça do povo → festas de santiago
| o fatalista | : prato de cocahue no restaurante ^{menu a s/. 15}comunal
san santiago, água de munha e na memória o doce e suave
sabor do algodom da guaba

percorredes a ilha baixades à praia do sul — sayri usa-te
como modelo para povoar umha paisage extraterrestre
que tempo depois te enviará | e tu enviarás a tole gon
foto do gravado de guayasamín | cedido aos comités de so-
lidadiedade para umha campanha política | que pendura
na casa | — e ali, sentados frente ao mar, olhando a mon-
tanha nevada, ^{cingido e monolítico grupo de meia dúzia de mulheres, braços entrelaçados, maos abertas em aberta e pechadas em}compartilhades ^{punho — ao fundo: linha do horizonte |365/500|}

qual é a funçom da arte interpela tole gon — este quer ser
escritor, aquela quer ser pintora: querer ser, essência,

interpretar um papel social ≠ nom querem escrever porque tenham algo importante necessário urgente que expressar, nom querem pintar porque lhes saia do estômago imperiosa obriga — nom→ a escrita, a pintura, a composiçom é um desagradável trâmite para a consecuçom dumha meta→ serem artistas e terem o reconhecimento social | fama prestígio dinheiro | como tais — a obra nom deixa de ser um incómodo: a sua funçom já nom é transmitir inquedanças desafogos cambiar o mundo senom mero mas imprescindível passo no caminho da celebridade — abundam os casos de dispensável escritura | viver da escritura |

a insistente música marina parece querer dar-lhe a razom — amaro acrescenta: temos que botar a toda essa gente do cânon, reescrever a história, deixar espaço para quem realmente dixo expressou algo de interesse — acabemos com a arte de consumo, entusiasma-se o picasso dos andes: à fogueira com os ópios das massas e os finais felizes | analgésicos para o público | e ingressos para as produtoras |: se a justiça se administra na pantalha |poética| esvai-se a necessidade de lutar por ela no exterior→ arte estupefaciente |

arte replicante | generativa | → aquela que incita à criaçom: a película geradora de cineastas, o poema indutor de poetas — arte vital→ a que nos saca da obra e nos leva à vida, a vivermos, a lutarmos, a viajarmos, a solidarizarmo-nos — a funçom da arte nom é criar beleza: para isso já está a natureza — o fume da totora segue a pintar o céu ogalhá estivesse ali contigo di rolindes — estiveste di amaro

ABORTO · à hora do jantar o exemplar cidadão botou pestes contra o governo socialista polo novo imposto aos hidrocarbonetos: cêntimo verde por litro — porém o patriótico

súbdito | querem-nos esmagar a impostos | nom mostrou indignaçom quando o preço do gasóleo se duplicou ao longo do ano seguinte | aceitaçom das leis do mercado | de improviso, à hora da cea, o mauro e a sua nova amiga apareçêrom pola porta dispostos a ajudar nos labores vindimais do dia seguinte — as relaçons políticas entre pai e filho havia três anos que se horizontalizaram | a nom dependência econômica impedia a vassalage | : saudárom-se de tu a tu, figérom-se as apresentaçons, dalmiro olhou a cor de pel aciganada de surinder com suspiciácia, otilia com curiosidade | és feliz? perguntou num aparte |

os anos de vida do filho do carpinteiro duplicárom-se e após lustros de separaçom/**2** surinder colheu um aviom e autoconvidou-se para celebrarem em intimidade o quadragésimo aniversário do home que fora moço — a última vez que se viram fora na sua | dela | casa de west ealing: agnieszka nom estava esse fim de semana e surinder invitou-no a ceiar | e gentileza da garrafa de vinho: a passar a noite com ela | — os posteriores intentos chocavam contra o muro de indiferença de amaro — el regressou à galiza — quando na seguinte reuniom com agnieszka | meses depois: as emoçons estancadas | na que seria a sua derradeira

2/ tremendamente fria a noite se semelha inverno nos lençóis desde os que ainda te respiro mas é a última noite ao teu carom de novo o adeus no ano novo e esperança do regresso eterno pesadume com a perene alegria do reencontro e consume-se o bisonte na fugida como ereçom naufragada em álcool reconheço o catarro inesperado e diário nom som quem de abandonar a dor do cigarro porque me fai sentir-te mais cerca fai-te sentir mais cercá estás ao meu lado neste intre estás no meu quarto o meu leito a minha boca e beijo-te com umha profunda calada é fermoso sentir-se só com alguém no recorde e a soidade era a despedida e o alguém eras tu e o regresso e o passeio e a partida em mesego e os silêncios e tudo é esperança cuida-te si

viage juntos | realmente o seu derradeiro encontro | el
contou-lhe a noite com surinder — já o sabia dixo ela:
nom me contas nada novo: a própria surinder apresen-
tou-se um dia em shepherd's bush a dizer-me que vos
amávades e que passárades essa noite juntos e que estava
grávida de ti — agora, após lustros de separaçom, amaro
tinha muito que reprovar-lhe — ela vinha buscando um
clamor de amor que el nom podia dar — o meu amor por
ti nom tem nada que ver contigo: é cousa minha, argu-
mentou ela: vivamos estes quatro dias como quando es-
távamos juntos — mas apesar do acirramento o que
amaro lhe pudo ofrecer nom lhe chegou a um dente
por que tem sulcos a concha de samona? — muito apouvi-
gaste minha panocha
amaro nom atura mais de cinco minutos a conversa de dal-
miro

BUKUT · nom passa muito tempo antes de que amaro saia
do cri | edifício de adobe redondeado, troncos raízes de
ceiba inseridos em forma de jamba, 3.000cfa por noite,
2.500cfa polo jantar | para dar o seu passeio matutino
por entre termiteiras e rios salgados — nom ≠ hoje nom
dá o seu habitual passeio matutino: hoje caminha os oito
quilómetros que o separam de diegoun por entre rios sal-
gados e termiteiras
quando chega a aldea está ateigada de gente: começo do rito,
especialmente numeroso porque há anos que nom se cele-
bra → juntança portanto de variegadas faixas etárias = me-
ninhos quase infantes adolescentes pós-adolescentes quase
homes homes: todos sentados contra as árvores, cabeça
afeitada busto espido olhadas baixas | tristes desacougadas | :
pronto irám ao bosque | escola universidade | passarem o
mês de iníciaçom fazerem-se homes aprenderem os segredos

A5

enfrentarem-se ao leom | aos seus próprios medos | partilharem a existência formarem grupo — só os homens? pergunta rolindes — só os homens — e o segredo da iniciação nom se transmite nem à mulher mais amada nem ao nom iniciado mais importante: só o iniciado pode conhecer o segredo do iniciado, é umha experiência que nom se pode transmitir, só viver experimentar — converter-se em home: camara laye: capítulo sétimo superar os medos, o medo — o pai dos medos? = a morte: gume da existência — enfrentar-se à morte, ao medo à morte, fazer da morte companheira vital: nacer é começar a morrer | a morte = orgasmo final | morrer de vida |

umha mulher convida amaro a sentar com elas eles arredor de grande fonte rebordante de comida, anho vitela legumes arroz cuscuz: todos os animais sacrificados essa mesma manhã — grupos de guerreiros formam círculos, torsos nus, machetes e coitelos cortando a pel espida sem cortá-la, as vermelhas línguas sem dano: demonstraçom da eficácia dos gris-gris que levam sobre o corpo bíceps pernas — realmente evita os cortes de arma branca? pergunta amaro antes de levar bocado de cuscuz com anho à boca — aí tés a demonstraçom fala mulher ao seu carom — queres provar? di olhando o amuleto que tamém pendura do pescoço de amaro

de verdade funciona? demanda rolindes, sentada no solheiro mirando como os volantes choram o pucho — amaro mira-a com um sorriso nos olhos — é tudo um engano? insiste ela — porque os gumes entram em contato com a pel, passam pola pel, onde deveria haver corte há pel lisa | velha cicatriz talvez | — qual é o truço? — rolindes interpreta o cepticismo de amaro como etnocentrismo | escravos da interpretaçom vítimas dos significados | — amaro defende-se citando a cabral: quantos guerrilheiros caírom como moscas por um excesso de confiança no

gris-gris — ajudam essas crenças na luta anti-imperialista? — ou mais bem a prejudicam? — o inimigo dentro — inimigos de si mesmos — palavra de amílcar
as ideas liberam, as crenças aprisionam atrapam oprimem — mas, insiste ela, cuidado coas ideas que se fossilizam em crenças
a palavra | o livro a vida | colhe o significado do contexto: puro estruturalismo
a vida tem data de caducidade

M/S PUIJO · pareces um terrorista

A6

muito antes o centenário puijo zarpa do cais de savonlinna | quarta-feira às 9 da manhã | e achega-se ao castelo de olaf | entrada reduzida a 1€ o dia de sam olaf que é o dia anterior; as vozes dos ensaios do bolshoi acarinham a nave passageira, nuvem | antes de dar meia volta e pôr rumo ao norte: destino kuopio por heinävesi, onze horas de travessia por lagos e canais e esclusas, 95€ comida à parte, destino puijo e a puijon torni desde a que contemplar a infinda chaira de espelhos catapléticos

muito antes porque agora nom se vê a torre e portanto desde a torre nom se vê o inarijärvi nem o sajos | parlamento sámi | onde mari boine comprova o sistema de som — pareces um terrorista dixo-me o rapaz, continua o home durante o passeio pola beira do lago que reflete a fantástica luz da meia noite, ijahis idja — e a que se parece um terrorista pergunto eu — nom estava a dizer: pareces um terrorista de verdade, porque nunca viu um terrorista e os poucos que viu na tv som bem parecidos e aseados, nom, o que está a dizer é: pareces um terrorista de ficçom, da ficçom cinematográfica imperial = mal encarado sem barbear desalinhado desgrenhado — e nom vai descaminhado, assente ela — aceito, di el, mas só a descriçom,

nom o termo — vou-che contar algo de que vás gostar — e sentam no malhante da praia ante o espelho líquido nu de estrelas/3

di-lhes que nom somos nós os terroristas¹¹ — e jean-marie declina o convite a veneza: tanta medida de seguridade na cata de terroristas→ eu som o terrorista

A7

FILADELFIA · ruas terreiras, ventos borrachos levantam nuvens de pó — o autocarro | gr28.000 polas sete horas de viagem desde asunción | perde o asfalto baixo as rodas antes de atingir a cidade | capital do chaco estronista no que tachito investe parte da sua fortuna | — barrigas espinhosas das árvores do algodom — labregos menonitas da colónia fernheim: língua plautdietsch, fugida da urss passando pola alemanha nazi | aquisição de elementos do nacional-socialismo |, jornaleiros guaranis baixo o seu mando — nom há pátria, constatas: talvez comunidade, identidade religiosa — sabes que a população finesa de åland,

3/ após serem expulsos do último bar da rua de sam pedro assaltárom falando de sabotages e de arrancamentos de plantaçons de eucaliptos o piso de cris na rua da tafona que lhes ofereceu as quatro cervejas que quedavam no frigorífico o telesforo sentou a lua no leito tratando de fazê-la entrar em razom porque a lua se sentia estratosférica e transmitia liberdades cósmicas ante o desamparo do telesforo a lua erguia a saia e acarinhava entrepernas e mordía lábios e quando desde a cozinha o mauro olhou para eles o telesforo estava a dar-lhe punhadas na cabeça cris olha temos que fazer algo deixa-os som cousas deles opinou cris o mauro achegou-se à cama que fás telesforo deixa-a mas nom viu malícia nos golpes do home nem dor na expressom da mulher por que lhe zoscas só quero que se durma explicou o telesforo porque está fora de si só quero que se durma como nas películas nas películas basta um pequeno golpe de culatra na caluga para provocar inconsciência imediata mas isto nom era película nom era ficção nem drama nom era falsidade e a lua nom se deixava reduzir o rosto feliz de rebeldia isto nom é umha película dixo o mauro e o telesforo estarricou os cotelos doloridos nesse momento entrou cris com as cervejas ao dia seguinte cris seria vítima do seu próprio artefato explosivo fabricado para sabotar um parque eólico durante a entrega a um membro do exército guerrilheiro

de língua e extração sueca, está isenta de fazer o serviço militar nom seja o demo que em caso de guerra sueco-finesa se aliem com o inimigo — mas os mennonitas nunca farám a guerra contesta surinder — nom estou tam certo continuas: a ideologia nazi subsiste na comunidade | a religiosa = diferentes raízes para os mesmos crouchos |

pó na rua, quadrícula de pó — surinder e amaro sentam no terraço dum restaurante: nome na fachada assinado por coca-cola, mesas de plástico com as cores e os símbolos de coca-cola, guarda-sol mesmas cores mesmos ícones — nom entendo, opina a primeira, como podem aceitar tais agasalhos envenenados: publicidade gratuita a cámbio dum feo plástico de má qualidade — si, concordas: e a esse pasmo teu contestarám-che com o velho cavalo regalado — vender a alma por umhas moedas — o mesmo acontece, continua surinder, com as aplicações descarregadas no telemóvel: para baixares gratuitamente umha simples lanterna, umha singela bússola, tés que dar-lhes permissio para acederem aos teus arquivos agendas fotografias microfone e cámara — um alto preço para a gratuitidade — dá-me igual, defendem-se as usuárias os usuários: nom tenho nada que ocultar — e entendo o argumento: eu aproveito-me das suas tecnologias e o resto é-me indiferente — mas quem se aproveita de quem | nom é consentimento natural senom manufaturado: abuso disfarçado de generosidade: tamém os marraos da granja pensam que se estão a aproveitar do granjeiro que os ceva a cámbio de nada | — e essa mesma pessoa, intervés, teria um comportamento diferente se a bússola a lanterna nom fossem digitais, quero dizer: alguém peta na porta e di: bom dia, tenho um regalo para você, umha lanterna umha bússola, aqui tem — mas é gratuita perguntas

— si, completamente — o único requisito é que me tem que assinar este documento conforme você me autoriza a aceder ao seu fogar e colocar câmaras e micros; ah e também exigimos acesso à essa gaveta onde guarda o álbum de fotos e a agenda de endereços — e tu pensas no afortunado que és: pois muito obrigado senhor distribuidor de lanternas gratuitas, tenham vocês o meu consentimento, onde tenho que assinar, passe passe e coloque micros e câmaras que total nom tenho nada que ocultar — | por um prato de lentelhas |

lembras, lembras tu, aqueles tempos nos que as máquinas vinham para fazer o nosso trabalho para liberar-nos do escravismo laboral, para que pudéssemos viver livre e comodamente a conta do seu rendimento e benefícios — e as máquinas vinhérom mas quem se beneficia delas → desemprego e miséria

e a quarta-feira 17 de setembro de 1980 anastasio somoza debayle circula com o seu imaculado ^{9:55h}mercedes benz pola avenida generalísimo franco de asunción | esquina com santísimo sacramento tam limpa de pó | e umha bazuca destroça máquina e ditador — tantas décadas depois: epp | fuzil machete e machado | adentrando-se no chaco — e anastasio somoza garcía, assassino de sandino, cai crivado de poéticas balas em león

nunca entendim a publicidade na televisom, dis: quinze minutos de anúncios para quem? — quem fica sentado diante da pantalha consumindo quinze minutos de publicidade? — a sua funçom terá, julga surinder, quando tanto dinheiro se investe nela: ocupar o espaço, colonizar o subconsciente — a gente paga as marcas, essas mesmas que tu ocultas e arrincas: a pessoa convertida em anúncio — transaçom comercial: o público espectador | da televisom | , a populaçom usuária | das redes | , como produto:

o consumidor | que paga gostosamente polo privilégio de deixar-se vender | é consumido — atrapados na aranha, agradecidamente oprimidos

MECÁNICA · sonho recorrente → conduzir o carro, o do pai, qualquer carro estacionado na rua, entrar nel, conduzir, se nom arranca deixá-lo cair estrada abaixo | tanto tempo depois o sonho volve-se pesadelo → o veículo aboca-se a precipício a rio a ribeira e o home |o agora home| nom é quem de freá-lo por muito que pise o pedal a fundo | — o rapazi-nho conhecia bem o carro do pai: nas horas da sesta entrava nel e fingia manejar o volante e mudava as marchas pondo em prática o aprendido às agachadas no livro da autoescola que dalmiro guardava na gaveta, nas saídas do patrom abria o capô e estudava a mecánica da automotoçom

realidade recorrente → todos estes conhecimentos servírom-lhe para ganhar-lhe umha lavra de tempo às intensas jornadas de labores agrícolas — quando chegava sábado manhã e o velho girava a chave do carro | quinze minutos de trajeto deica as agras da aldea | nada acontecia e o neno voltava ao quente da cozinha de ferro até que o confuso amo dava com o cabo solto — umha noite o pequeno amaro quiço pôr fim à miserável dependência do único jeito que o sabem fazer os adolescentes | às bravas | e esvaziou o líquido dos freos — à manhã seguinte estava a tomar um racista colacao | que lhe ia conformando o pensamento precisamente porque nom era consciente de tal racismo | quando dalmiro saiu para o trabalho: amaro sentiu-se excitado como aquela vez que de pequeno pegera umha ^{DIZ} pedra no caminho de ferro: a ver que passa

HOLI · quando chega à praça um home está deitado no chao, supino, mao ergueita acarinhando mama de mulher que

a quatro patas sobre o home agarra com a mao direita o membro central, ereto, a outra mao, a esquerda, estricada com esforço para apreijar as gónadas do home, um segundo home que de pé ante a mulher sujeita com a mao esquerda o pene cujo glande está a dous centímetros da boca da mulher entanto o outro braço, o direito, funde-se com o braço do terceiro home que desde o outro lado penetra a mulher por detrás mentres sujeita com o braço destro umha fusta com a que açoutar as nádegas da fêmea que nom separa a vista do glande que tem a tiro de língua

a um par de metros umha mulher levita, escarranchada, sustida no ar por duas moças, umha agarra umha perna, a esquerda, entanto a mulher assenta a direita nos ombros da outra que, perna agionlhada, introduz objeto alongado e cilíndrico na vagina da mulher central, a que levita escarranchada, a que com as maos abre os lábios genitais num brado de prazer cósmico para facilitar a entrada do objeto — baixo o grupo outra mulher, deitada, pernas abertas no ar, recebe o peso dum canídeo que junta pelve com pelve, perfeitamente encaixado, a cabeça ergueita ao céu, a mandíbula em posiçom de ouveo

é vinte e seis de falgun de 2076 vs, segunda-feira, e amaro, que contempla estas cenas, escoita os ouveos e os risos e os vivas e a folia aboujadora às suas costas — quando torna a cabeça vê um mundo de gente multicolor, as caras pintadas, a roupa manchada, as cabeleiras verdes e azuis e vermelhas e laranjas e marelas e índigo e brancas e pretas como capulana — as massas sincronizam os aturujos e embestem-se deixando o ar tingido de todas as cores citadas e mais das misturas pertinentes

na hipótese de que o sol saia manhã amaro mussita: todas estas cores desaparecerám com o derradeiro dos humanos

— o chio dumha águia que vigia desde o alto confirma o dado porque o que a águia observa, sendo o mesmo, é diferente, porque os olhos da águia observam de jeito diferente, as cores que a águia vê nom som as mesmas que as que a parelha desde a praça vê, a águia observa com outras cores porque as mecánicas dos olhos que observam nom som as mesmas, porque a cor nom existe: é umha sensaçom

pouco sabem amaro e águia que dias depois praça, cidade, país e planeta | verde como laranja | ficarám desertos indefinidamente, que as cores que lhes dam forma deixarám de existir porque nom haverá quem as mire

LE MANI · perde-se o som da launeddas trás os thalos dos nuragos — a parelha sobe as pedras de francesco crispi até à igreja da madonna delle grazie e ali em frente a catarata de plantas sinala ao tempo que oculta a pequena e extraordinária fachada da antica locanda^{42€} — mas ninguém responde ao timbre — rolindes e amaro esperam pacientemente que os dous irmaos, antonello e mary, a irmã e mais o irmao, donos e regentes da pensom, rematem o serviço religioso que os entretém à outra banda da pequena praça

A10

que foi primeiro, pergunta ela, a música ou a dança — a dança, sentencia rotundo el: a música nace da dança, do ritmo do corpo, dos golpes dos pés contra o chao — daquela, corrige ela, som simultáneas = a dança produz a música, a música é dança, corpo em movimento — | o orgasmo produz gemidos, os teus gemidos produzem o meu orgasmo, a mai pare a filha que a converte em mai | para filosofias de alcova, indica ela após visitar o banho do corredor, a que escrevêrom os queridos antonello e mary por riba da cagadeira: le mani che puleranno questo

banho sono le stesse che vi prepareranno domani la colazione: todo pensamento se reduz a esta simples, nítida e incisiva frase, toda relação social e toda organização política convergem nela, a exploração humana | a injustiça planetária | esvairia-se como orvalho-da-aurora ao sol desta obviedade de termo-la todas todes todos presente

pola noite soam berros choros angustiosas chamadas seguidas de precipitados passos que sacam música das tábuas do velho edifício — | gramsci, como o dante odiador de indiferentes, sonha nas ruas de ghilarza com a geometria triangular do poço nurágico de santa cristina |
entanto nom substituamos as bíblias dos hotéis por manifestos comunistas nada será — as mãos que dão prazer som as mesmas de matar, os dedos que acarinham ereções som os mesmos que limpam fezes anais

A11

MFDC · essa manhã amadou peta na porta de amaro: cheikh está a esperar — ducha, roupa — toma o kinkilibá com cheikh que vêu buscá-lo para a entrevista com senhor — amaro tem esboçadas umha dúzia de perguntas | torpe francês num par de folhas de caderno raiado | mas quando chegam ao domicílio um soldado lhes impede a entrada — senhor | arresto domiciliário | baixa ao saguão onde o soldado autoriza breve intercâmbio → impossibilidade da entrevista: podemos fazê-la por escrito sugere o prisioneiro, e amaro arrinca as folhas e lhas entrega — de regresso ao hotel | auberge casafrique, 5.000cfa por noite, 3.000 o jantar: a partir do quarto dia amadou invita-o a compartilhar comida na bandeja coletiva das e dos empregados | cruzam-se com o jornalista bamba que nom é quem de agachar os ciúmes que lhe provoca o estrangeiro: senhor sempre lhe negou entre-

vista, a el e a todo o mundo, e agora vem este branco e lha concede: desprezo por parte do líder dos seus? comenta com cheikh essa noite mentres ceam baixo as músicas interrompidas da orquestra casamance que todas as noites ensaia no albergue — mais bem desconfiança das linhas editoriais do país→ tu como estrangeiro vás ser mais objetivo, supom-se-che maior imparcialidade: a perspectiva da distância

dous dias mais tarde amadou amanhece com o mal-estar da malária e cheikh ngom, o organizador do encontro | oriundo da capital, para no mesmo hotel, ali se conhecêrom |, vai recolher as respostas: mfdc nacido em 1947 em sédhiou, administração francesa, independência nacional da casamansa, 389 anos de luta armada e 42 de resistência passiva, reconciliação da frente norte e a sul, respeito às fronteiras herdadas da colonização francesa | renuncia à república diola |, nom esqueçamos as rainhas e guerreiras e guerrilheiras: ayimpen awentorebe sibelt alinsiitowe aloendissomarie bassene niakuhufosoo akinumelob sambou anna diatta, o diola e a terra som um, que retirem as suas forças de ocupação, a casamansa com o senegal mas nom no senegal — | quase duas décadas depois agrafexo apresentará-se na casa do padre com cópia da entrevista mas senhor estará morto, o padre augustine diamacoune levará dous lustros morto |

amaro e cheikh achegam-se às águas salgadas do rio — num pátio um pelicano, atado pola pata, abandona-se à resignação — nom é a hora do teu rezo?/4 indaga amaro — já se me passou, responde cheikh:

4/ estás a rezar as tuas orações de gionlhos no berce e chega a manola de visita e vai ao teu quarto e colhe-te e nom te deixa acabar a oração e tu queres dizer-lhe é que nom vês que estou a rezar mas nom ficas calado como um peto porque a manola é a tua madrinha a tua madrinha e a tua curmá

nom é a hora da tua cerveja? — amaro sorri seguramente seja mais subjetivo, mas isso nom implica que seja menos imparcial — quando criticas a queima de contentores nas manifestaçons da extrema direita nom estás sendo mui imparcial, alega ela: o que justificas numhas nom aceitas noutras — aí andas errada, aclara el: eu nom critico a desfeita de mobiliário urbano nas manifestaçons reacionárias, o que critico é a manifestaçom em si — nom tenhem direito a manifestar-se coma nós? — por suposto que si: o que é criticável é a ideologia: para que se manifestam?→ para expulsar a gente imigrante, para tirar-lhes direitos aos coletivos oprimidos, para erodir a democracia, para manter os privilégios — nom é o mesmo colher o fuzil para lutar pola terra e a liberdade que para oprimir o povo, por muito que as balas e as mortes que consigo levam sejam idênticas

A12

LOCAL · labregos urbanizados→ perpianhos de granito agatunhando barranco arriba, planta a planta, elevando-se por riba da estrada nacional, um andar, dous andares→ aforros próprios e alheos: o tio materno de américa, padrinho de otília, epónimo da criatura que será o primeiro ser | tantos anos despois, ante o iminente derrubo da casa para erguer torre de substituiçom, decatas-te de que tamém o derradeiro | em nacer na nova casa urbana, primeiro e único de entre os irmaos e a irmá que nacêrom antes ca el mas nom na casa: na aldea, nas aldeas, a materna, a paterna, terras de lobos e contos de pepa a loba a casa estava desenhada para eventual cámbio de ofício | o cámbio espacial implica cámbio económico e laboral | — por isso na fachada do edifício, a rentes da estrada nacional, entre umha e outra porta frontais | a da direita é a entrada geral: escadas, andares inferiores, andares

superiores; a da esquerda dá diretamente ao piso do proprietário, ao seu local concretamente |, os perpianhos deixavam espaço quadrangular para umha superfície de ladrilho recebado: estranha disposiçom, vista desde fora — se entrássemos | porta esquerda, por exemplo | ao local veríamos o reverso do ladrilho e entenderíamos melhor mas nom tanto a razom da extravagância arquitetônica: armário embutido | do chao ao teto | ocultava o ladrilho, roupeiro de estranha estrutura: laterais diagonais com abertura, largas portas elevadas e plataforma interior | piso do armário | à altura da embigueira: nom era guarda-roupa senom trinque: à espera da substituiçom do ladrilho exterior | doadamente derrubável | por grande vidro que permitisse ver e cobiçar os produtos à venda/5

sonho capitalista do labrego — as quatro crianças, que compar-tiam o grande espaço do local momentaneamente | indefi-nidamente | dormitório, medravam e prosperavam diante do armário que era parede inconscientes da previsom do patrom e de trinques e de tendas — nunca saberiam o tipo de loja que o velho tinha em mente, com que produtos especularia, porque a loja nunca se materializou — surpreende a visom de futuro: a casa estava soa, única vivenda no ermo que ia da igreja nova à estaçom do trem — que sentido tinha umha loja nesse espaço desértico — mas, interrompe rolindes, tal e como descreves o espaço: é lugar de passo, passageiras passageiros que venhem e vam, vam e voltam passando por diante da casa, do escaparate — o local → tardarâm tamém as crianças em saber

5/ no local aproveitavam os armários jogamos às escondidas vale vim-te vim-te como me ias ver se está escuro nom vês que é noite nom nom vejo correde saltade pegade-vos à almofada fada fada madrinha eram nenos e nom precisavam pensar cama almofada e todos felizes na escuridade

o motivo do nome do seu dormitório: o local — quem das suas amizades tinha um local na casa

o sonho capitalista deixou de mão ao labrego que logo seria proletário — o local deixaria de ser dormitório para numa serôdia reforma converter-se no salom da casa, a abortada vitrina seria finalmente aberta, em versom reduzida, para tornar-se janela | armário, montra, sacrificado | do salom — e hoje que passas por diante do prédio no que naciste nada queda: perpianhos | casa | transformados em formigom | arranha-céu |, torres que ocupam a extensom inteira do antigo ermo tam altas que mesmo aboujam o alto campanário da igreja — agora si, tantas décadas depois, agora si era o momento de abrir um local na concorrida urbanização, agora si foi: aí está a popular polvaria ateigada de gente, sempre, dia e noite, alhea — no lugar no que naciste — sofreste

A13

CORAGYPS ATRATUS · sais do hotel tegucigalp²¹ps que lhe dá as costas ao barranco do rio chiquito, abandonas a avenida gutemberg cara ao arbolito, colhes paz barahona e entras no café paradiso | almoças lês |, sais do paradiso com livros na bolsa | correspondencia inocultable de david díaz acosta, seleccion de poesía 1952-1971 de óscar acosta |, penetras na livraria guaymuras | miguel de cer-vantes | onde mercas jacinta peralta de ramón amaya amador, localizas a cercá shakespeare & co. books da que sais com cipotes e prisió verde ambas de ramón amaya amador, baixas por bolívar, cruzas a ponte mallol e chantas-te no outro flanco do choluteca — sentado frente ao rio observas os zopilotes que vigiam desde as cornijas | sem intensidade, com acougo | possibilidades alimentares dos mercados de san isidro

observado polos zopilotes: os limites da minha language

| ʃɔh.əɔ.ɔ.ɔ | denotam os limites do meu mundo asseveras — forçar a language, inventar novas palavras: alargar o mundo, teu mundo — e a sombra de agnieszka projeta: se o pensamento está vinculado à language, se o nosso mundo é tam amplo como o nosso vocabulário, acaso os animais nom temhem mundo? — meu tio o xordo-mudo carece de mundo? — a menina selvage que nom adquiriu a língua nom habita nengum mundo? — sei, sei, condescendes: mas um mundo aglóssico → a língua contribui à expansom da mente, abre portas a realidades intangíveis, a conceitos inapreensíveis polos sentidos — nom, rejeita ela: tudo o que se pode expressar é mentira — o mundo é mais complexo do que pode expressar a palavra: a palavra limita → quantas cores contém um arco da velha para um olho nom tutelado?: todas as possíveis, infinitas — por que só vemos sete cores?: porque a palavra nos instrui desse jeito

rio que é sumidoiro: homes mergulhados sacam area do leito fluvial — como no lago rosa, pensa agnieszka: corpos cobertos de graxa como defesa contra a alta salinidade | nom há proteçom contra os coliformes | — os zopilotes botam a voar

BOSCO · ainda faltam lentas maceraçoms, o voo do pimpim, pingüim de floreana, caço de caldo de mocho com mote, churo de puerto lópez, llapingachos de riobamba, cholas de guano, locro de papa, água de cedrom com humitas e um vaso de morocha quando amaro entra no hostel rincón familiar | rua flores entre espejo e sucre, 8\$ | onde lhe guardárom a mochila durante essa semana de ausência — natalia ainda há tardar um par de dias em regressar ao continente: deu-lhe, ela, tem el, o endereço da casa de la floresta que comparte com amiga e cara ali se encaminha

A14

o home: baixa flores, enlaça com pichincha, segue por colombia deixando atrás a alameda e o arbolito, entra em 12 de octubre, gira à direita e continua madrid abaixo cruzando isabel la católica | galicia ao outro lado do bloco | , pontevedra, lugo e na seguinte, mallorca, gira à esquerda — busca a casa da galinha | cerámica no portal | e espera por mim

o bosque do bosco a mao direita empoleirado nuns penedos silueteado contra o profundo amarelo do incêndio infernal, edifício com arcos, lume interior, inferno — à esquerda edifício de portas e janelas fechadas | em arco | montado igualmente na montanha como meteórico mosteiro em cujo telhado, acolchoado com divina nuvem, o cristo, acompanhado de anjos, recebe as almas boas — no centro grande esfera cinzenta e gretada com cruz no norte e abertura na parte superior esquerda | donde sai corda que sobe à morada do cristo sobre a que fai equilíbrios home nu, anjo com braços estendidos disposto a recebê-lo, outros homes tam cinzentos e espidos como esse tensando o cabo, seguintes na travessia, mas baixo a morada de deus, agachados entre a vegetação a meia altura da montanha, dous dianhos tentam impedir o trânsito com pau e carabina | e abertura na parte inferior, no chao, na terra, pola que saem massas atropeladas braços em alto porque sabem demasiado tarde que o seu destino é o vermelho infernal — aqui — no chao anjo sujeita monge, nom sabes se para resgatá-lo do averno ou para empurrá-lo a el — um segundo monge ilustra a esquina inferior direita da pintura sentado contra as pedras, braço cara adiante, cara de resignação olhando-te torcida — entre esfera e céu, para complicar mais a ^{paisage}passage, pequena baía que se abre ao mar no que paira caravela de estandarte vermelho — adivinhas siluetas de

figuras baixo a mais recente
capa de pintura: pintadas por
riba, retificadas — tránsito à
eternidade/6 — nom é do
bosco obviamente, quer tei-
mar natalia sentada à sombra
da árvore da vida que se ali-
menta das cinzas | esfera
cinzenta | de guayasamín —
tampouco santiago está enter-
rado em compostela a quem
lhe importa — mas ali o mes-
tre mateus fiyo grande obra
continua ela e este tránsito
nom é mais que tosca imita-
çom — isso nom impede,
porfia em retrucar o home,
sempre a última palavra, que
milheiros de persoas visitem o convento só pola palavra
mágica: bosco

dez anos despois natalia regressa a isabela e caminha nova-
mente ao muro das lágrimas e cruzei-me igual com a
mesma tartaruga e lembrei-te e rim soa — passámo-la
bem! — nengum dos dous demonstramos ser mui dados
à diplomacia confirma ela — amaro sabe que há de tomá-
-lo como elogio: sinceridade, nom ocultar o sol com a
peneira, que vai haver que ocultar se sabem que nunca
mais se ham de ver: fermosa a espontaneidade desses
dias de relaçom natural, egoísta e transparente — natalia
acompanha-o à rua e espera com el a apariçom do táxi
que o leva ao aeroporto | adeus gringuera e ela ri sabi-
mente | — afetuosa correspondência durante os dez anos
seguintes que nom terá sentido continuar forçar, que se

6/ o caminho de osmo ainda
está enlamado deixamos o carro
na carvalheira seguimos a pé na
escuridade separo-me uns pas-
sos dos meus pais para ver as es-
trelas algunha fugaz no curral
cruzamo-nos com a tia carlota
andades sempre como os morce-
gos a avoa está sentada no talho
da porta levamo-la à lareira e
sentamos arredor do lume o tio
isidro chega com as vacas a tia
carlota berra-lhe nom lhes pegues
tanto e logo como caralho queres
que obedecam gosto de mirar o
lume colho uns velhos jornais
colho frouma e prendo-lhes a
ponta e fago debuxos no ar nom
jogues co lume filhinho di a ma-
macarlota que lhe tem muito me-
do ao lume como mamá

corta um dia sem possibilidade de recuperação | mudam
vidas mudam endereços mudam prioridades |, logo doce
lembrança e cadelo de louça no andel

A15

TRÓTSKI · muitos anos antes, tanto tempo depois, agnieszka
alanca de regresso a casa | nas aforas da cidade, cinco
quilómetros | após noite de copas, caminha beira de
amaro que tem a mão direita inserida baixo os pantalons
de agnieszka, baixo as bragas, falam e andam e a cada
passo que dão o coração esfrega o órgão erétil do apa-
relho genital da mulher, natural e inconspicuamente —
deixam o asfalto para colher o atalho que os leva pola
beira do rio, as voluminosas ruínas da fábrica | ominosa
mole preta na noite estrelada | e as aldeas que anunciam
a sua presença, o seu trânsito, com coro de agressivos
ladridos — agnieszka, que tem medo aos cans | tranquila
nem faz nada de o dono do cam ceivo na praia, ao que ela
responde: por enquanto está-me a assustar |, agarra com
força o braço do seu acompanhante — nem entendo,
pensa ela: tanto cam atado
encerrado/7 cuja única fun-
ção é fazer ruído — para isso
os têm = vigiantes de pen-
delhos e angaços — nem há
leis contra os ruídos notur-
nos? — leis há abondas, esse
nem é o problema

trótski, pequeno castanho e fo-
dom, foi o único cam que a
pessoa | criança por aquel en-
tom | tivo na vida — nunca
gostara dos cans: cheiravam
mal eram demasiado depen-

7/ penso em paris rue la conda-
mine boulevard de clichy olho
pola janela as ruas arboradas que
amortecem os carros desde aqui
boulevard brahim roudani isto
nem é paris penso em rodrigo
em bruno em mad max e os seus
mimos imitando as ausências
das gentes no metro no sorriso
de tristura e a amabilidade de le-
ticia tam grata após tantos dias
de caminho montparnasse e a
festa junto à torre e os fogos do
14 de julho desde montmartre e
o aniversário de leticia surpresa
esse mesmo dia e o velho cam

tatave agradecido servo de max que aguanta estoicamente dias e dias sem mejar sem umha queixa quando o amo se esquece del e quando finalmente passa polo piso e o saca à rua bruno e leticia e mais eu miramos com abraio a interminável mejada do pobre tatave minutos de urina acumulada durante dias e dias ante os nossos risos de lástima polo malpocado animal que sabe que nom deve sujar o piso recolhido da rua polo tolo max nom ladra nom chora um pouco do calor humano em substituiçom dos bocados famélicos que nunca pediu que nunca tivo

dentes faziam demasiado barulho — trótski estava atado na horta e cada vez que alguém passava em direçom à estaçom, tamém em direçom à igreja, punha-se a ladrar veementemente forçando a atadura e girando arredor de si até que a cadea se enroscava sobre si mesma reduzindo a margem de liberdade e esfregando o colar de coiro contra os pelos do pescoço que após um par de semanas tinham desaparecido: depilaçom capilar que lhe lembrava ao rapaz a clareira nas peludas pernas provocada pola fricçom dos vaqueiros contra a panturrilha, agora que se lhe permitia levar pantalons longos, todo um home

e o trótski movia o rabo quando o menino se achegava com os restos da comida mas, umha vez a comida no prato, grunhia e ensinava os cairos e apontava travada ao dono, ao que o cuida, a quem lhe dá de comer, a quem o tem prisioneiro — e contudo o neno todo um home sentia agradecimento polos carinhos e lambetadas que o malfadado trótski, agasalho dum amigo suicida, lhe proporcionava nos freqüentes passeos que davam polos descampados da estaçom e o mato de corços | lambetadas a pingas de sémen nas folhas de erva chaveira/8 | cujo carrás o animal pronto aprendeu a cruzar dum chimpó — um dia o cam parou ante umha fresca

8/ chorava porque na sua escura confusom nom podia fazer outra cousa odiava o mundo a gente do mundo porque podiam ver sempre fora invejoso dum brinco deixou o livro que tinha entre as maos e botou-se polo oco da escaleira despois de esnaquizar

a cabeça contra o piso de terra ergueu-se e esquecendo a sua invidência botou a correr pola rua cara à estaçom advertiu objeto e regressou e rebuscou desesperado no cesto da roupa suja até que topou braga da úrsula agradecido arrecendo a suave cona púbere guardou-na no peto montou na bíci e pedalou a corços caralho tenso o pantalom apertava cada fochanca significava sofrimento testicular escondeu a bíci entre o mato e correu-se cum tojo entre as nádegas viu a braga ali no chao onde caíra e inesperadamente acordou-se de que nom podia ver oh como vou regressar parvo de mim colheu a bíci e deixou que a bíci o levara do guiador até à casa chegou deitou-se descansou no fundo poderia ser pior é terrível nom poder ver paris a sua lembrança simplesmente simplificada a umha simples e soa torre eiffel coas suas telhas árabes e famosas adegas que que me parece pois que lhe diria excelente encantadora você pense-o bem em riba de mim máscara nunca exibida em nengum entroido que quer que lhe diga pois si olha-me vigia-me constantemente mas nom lhe tenho medo porque tem os olhos vazios sem vida ocos por que nom vás a corços para sempre e foi daquela quando acometim a viagem tentando cada passo nom queria que ninguém soubesse eu só internei-me entre gestas tojos carqueijas e codessos guiando-me polo olfato até onde morreria em contato coa natureza às agachadas sem ninguém que chorasse a minha partida o que retornou à casa essa olhada penetrante e inteligente nom era ninguém a vida daquel corpo ficara para sempre em corços esse caminho

e exuberante deposiçom humana: amaro tentou apartá-lo mas o cam revirou-se e travou-no na perna deixando um par de buratos na tela vaqueira após o qual voltou ao tesouro excrementício e papou-no em três tempos — quando rematou ergueu a vista lambendo os bixairos um dia o pai levou o cam para osmo: as novas vizinhanças começavam a queixar-se — amaro foi à aldeia aos poucos dias e o trótski nom estava = comera-o o lobo durante umha visita muitos anos depois, quando o neno é adulto e independente, pai e filho imiscíveis rememoram velhas histórias e o velho menciona sem querer o dia no que envenenou o cam — pero nom o matara o lobo? — o pai cala — nom tem por que: a amaro nem lhe importava o cam nem lhe importou a mentira por que a gente mente tanto? quer saber agnieszka

A DERRADEIRA MULHER · quando o patrom chegou com bicicleta fruto do trabalho na suíça→ o que semelhava agasalho para o filho que naquele momento morava na casa era serviço para toda a família | investimento empresarial: o velocípede permitia a amaro trasladar-se os 13km entre casa e aldea para continuar com os labores agrícolas em ausência do velho | — o adolescente ficou encadeado a um veículo criado para a liberdade — e liberdade aproveitou dela: tarde roçando batume no monte comunal | entre osmo e sam fiz | quando no cinema alameda botavam a derradeira mulher: deixou galha e coitelo na rocha e pedalou | baixou ao porto de éguas subiu por partóvia | até à vila, pagou a entrada | nom tinha tempo para coar-se: habitualmente entrava, às vezes com o mouro, nos banhos | o vestíbulo era compartilhado polas vivendas do edificio e portanto acessível antes da projeçom| e ali se agachava durante umha hora antes de entrar na sala como cliente; isso no alameda; nas sessons contínuas do reque falsificava entradas, bem de nova criaçom bem colando metades partidas que recolhia do chao; e no rivs descobrira umha pequena porta sempre aberta que dava ao galinheiro: o projecionista, a única pessoa que podia vê-lo, nunca o delatou | e entrou no pátio de butacas

a atraçom da história, a sexualidade, a beleza de ornella muti, incluso esses loureiros que enquadravam o bramido de depardieu no cartaz | nom som loureiros, dixo-lhe úrsula, é umha cona/9: diante das suas amigas para vergonha do púbere | : tudo apontava a um namoro cinematográfico de amaro — porém: a crueza da cena final remexeu-lhe o bandulho e as conviçons e

9/ estou sentado no retrete com os pantalons baixados até aos nozelhos para que quando úrsula entre me veja a pirola sonhei com ela estávamos no laboratório do instituto ela sentada ao meu lado di-me que lhe meta mao logo aprenderei que o que dixerá fora

rasca-me e meto a mão pela parte de atrás do vestido e levo-a às tetas e ela pega um berrobrinco e salta por cima da mesa por que figeches isso nom sei que dizer assustadíssimo mas afortunadamente seica ninguém se decatou

quando saiu do cine e se volveu topar com a irmã e as suas amizades | que tal a péli | nom lhe-la aconselhou | rejeiçom visceral convertida em ódio: rabudo contra-ataque da sensibilidade atacada |

amaro colheu a bíci e regressou ao monte — nunca voltaria a ver a película na sua longa vida: nom obstante as imagens ficariam gravadas a lume | petroglificadas | na consciência, por sempre frescas como essa tarde de primavera

A17

PEDICULUS HUMANUS · aquel ano houve praga de piolhos na escola — quando chegou a notícia e mais o filho e mais o parasito à casa dalmiro rapou a croca de amaro — dalmiro nom era consciente da incomensurabilidade da agressom sobre o filho: e se si o era → injúria sobre humilhaçom — amaro agachava as tesouras quando ouvia conversas sobre a longitude do seu pelo, tática que nom fazia mais que atrasar a afronta, nunca evitá-la — um dia, anos mais tarde, amaro marchou da casa para nom ter que agredir pelo e vontade nunca mais — e muito tempo depois fiço-se objeter de consciência para salvaguardar integridade capilar | fugir dumha autoridade para cair nas mãos doutra: nom serviam^{c17} |

ao dia seguinte o cativo fazia esforço na aula para fingir pre-pucial indiferença → venho da míli dizia adiantando-se às chacotas — sua mãe seu pai culpavam da origem da invasom parasita ao telesforo, companheiro de pupitre cuja família ocupava um dos pisos das casas baratas que se erguiam na uceira frente à escola — dalmiro mostrava assi o seu orgulho de classe | com matiz racista incorporado | :

eu edifiquei a minha própria casa→ o pobre sentindo-se superior ao indigente

URSO · o jantar de calduda remata com a taravela da úrsula perdendo o humor: berros ao neno tamém à nena que chora porque nom sabe se gostar da comida sobre a mesa, da sobremesa — a perda do humor da úrsula estraga os humores dos demais das demais comensais — ruelas à neve que cobre de branco os negros telhados, criados ajejam nas esquinas caras cobertas de saco→ na procura de vítimas para o urso de pel de ovelha — a nena, o neno: caras untadas de chapapote, caldeiro, que nom sabem se gostam ou nom, mas a emoçom

o grupo de caras pretas senta arredor de ínhigo/[★], trikitixa no colo — esta é a música:

* / as palavras postas em boca da personage de ínhigo, aqui e alhures, som da autoria de Ínhigo Berriochoa Esnaola

dixo-me que está proibido roubar terra e tamém pedra dos montes, dixo que que mais dará ho, que a el nom lhe importava nada que eu levara pedras, terra e pinhas dos montes — assi me dixo — dixo que só lhe tinha passado no passado quando bebia e agora passara-lhe outra vez quando já nom bebe e encontrou o condom posto à manhã seguinte, já na casa, despois de estar com umha paraguaia em ourense de vinte e dous anos — si, que havia muito que nom lhe passava dixo — dixo que a propriedade privada a inventara o primeiro gachó que cercou e cerrou um pedaço de terra e berrou: isto é meu, dixo — por isso, adicionou, eu cerquei a minha, porque é minha, para que saibam que é minha, minha e nom sua, que acô se fai o que eu quero, dixo — porque há que deixar-lhes ver que é minha — moves-lhes algo, cortas os pinheiros, que vaian buscá-los à serraria, os meus pinheiros, nom os seus, dixo — e entom, dixo,

eles sabem que eu patrulho, todos os dias patrulho, a qualquer hora patrulho — e tu, dixo, nom lhes dis nada porque, dixo, eu atuo sem alvoroços — eu ao meu mas, como som uns panastras, entendes, porque eu tenho mais vida, som mais listo, tenho os meus amigos, dixo, vou fazendo-lhes ver o que é meu, assi, suavemente, para que dizer-lhes o que nom entendem,^{24/48} para que tentar convencê-los de nada — é inútil dixo, é inútil convencer — porque a terra, dixo, sempre leva algo, eu lembro que cultivávamos centeo nesta terra nossa e ainda vejo meu pai com aquelas botas que tudo faziam tremer, dixo — dixo que passara noites inteiras defendendo o centeo do porco bravo, que fora muitas vezes o guardiam do centeo, dixo — dixo que sempre fora um tanto parvo, que com aquela escopeta dum só tiro pouco podia guardar o centeo no luar entanto o javaril o comia à sombra da lua, dixo — dixo que nom disparara a escopeta dum só tiro por nom correr o risco de matar o pai e o vizinho aquel que os ajudava a guardar o centeo, o seu centeo dixo, que estavam entre o centeo, precisou — deixarei, dixo, os êrvedos e as sobreiras e alguns carvalhos, que as gencianas som gramineas e assentam o azoto na terra, dixo, que por isso deixo umhas quantas sem cortar, dixo — dixo que de quando em quando ia à capital, que ali já chegava com toda confiança onde as mulheres, que agora colhia vacaçons, que criam esses panarras dixo, empalmando com as licenças chegava ao mês de vacaçons, dixo, para fazer umha escapadinha — dixo que talvez nos viria visitar, que se nom for polos irritantes florestais a vida na aldeia seria um prazer, seria um prazer, levavam-se bem dixo, a nom ser polos florestais repetiu, e dixo que ajudava os vizinhos com os papeis e talvez fazer-lhes a compra, dixo, velhos e impedidas, que os levava aos médicos dixo — dixo tamém

que os deuses som a lógica, dixo — tudo isto dixo — ai
minha senhor quantas cousas dixo

TOKOEKA · três dias depois repete o mesmo percorrido
deica o parque traill, noitinha, afinando os horários para
evitar as longas horas de espera da primeira jornada — a
erva está molhada → pés humedecidos — nom importa: a
felicidade do encontro — no bolso leva a extraperlada
pãua estraperlada de ulva, onde passou o dia entre wekas
e velosas folhas de puheretaiko nas que lhe escreve men-
talmente a rolindes: conversa virtual enquanto sobe polo
carreiro e se achega ao prado: passeio, espera, nos bordos
do pasto que som os bordos do bosque do que saem as
pequenas aves | apteryx australis lawryi | quando a noite
se pecha — atento aos ruídos: calma, silêncio — um pe-
queno vulto choca contra a perna do home: quanto este
se gira a mancha escura bota a correr mas pronto sus-
pende a fuga e continua a esgarabulhar com o longo e
curvo peteiro — o home segue a ave por prado e por bos-
que até que, após violento e ruidoso encontro com outro
kiwi, o espreitado | e mais o encontrado | se perde no
mato — na cabeça continua a conversar com rolindes —
pergunta-se que faria, como se comportaria, aonde iria,
quanto esperaria se ela estivesse com el — estes intercâm-
bios orais som mais freqüentes e intensos que na convi-
vência | talvez porque as respostas nom som as dela
senom as del postas em boca dela |

quando regressa ao pasto escoita voz bisbisante: viste algo?
— voz de mulher: impossível distinguir a cara — hoje é a
minha derradeira noite em rakiura: vim expressamente
da outra ponta do mundo para vê-los: nom gostaria de ir
embora sem topar polo menos um — amaro dirige expe-
diçom mato adentro, mais umha vez — silêncio, deixar-se

guiar polo som das folhas secas: ali! — espreitam: a ave
achega-se, entra ao caminho, passa entre o corpo da
mulher e o corpo do home, o lugar entre os nossos cor-
pos, o home sente o satisfeito sorriso da mulher
perguntade-lhe a este home di o dono do albergue^{35\$ a liteira} — amaro
acaba de entrar, sapatilhas enchoupadas — viste algum
kiwi? — nontronte dous, onte três, hoje dous — a rapaza
nom oculta a frustraçom: levo várias noites tentando e
nada — há que ter paciência explica el: dedicar-lhe tempo
— já, mas suponho que a atitude é importante: tu és tam
tranquilo, aprazível, que os animais venhem a ti
ao dia seguinte, no barco de volta a bluff, amaro segue a
parolar com rolindes: ^{200\$ i/v, 1h de travessia} nom se procedeu com os m̄oris
como com os aborígenes em austrália: orgulhosos guer-
reiros, tratados políticos com os pākehā, resistênciã à
colonizaçom, acordos de reparto de terras, direito ao
voto, o m̄ori como língua oficial — já volves romantizar
a história: entendo que che atraia a rebeldia guerreira dos
m̄oris das m̄oris, mas igual de alcoolizados estám; lín-
gua oficial si mas quem a fala, quem escreve nela; quem
se massacrava entre si, quem extinguiu as gigantescas
moas; e quando podem imitam a monarquia invasora e
instalam rei autóctone: compara com as recentes repúbli-
cas independentes aborígenes

A20

MASNAÁ · ver é discriminar — vês aquel páxaro? — onde? —
ali diante — nom o vejo — ver é seleccionar | enquadrar,
focalizar: deixar fora o inecessário | — a metade de ca-
minho entre as duas capitais | após desolada terra de
ninguém | o autocarro detém-se no posto fronteiriço de
masnaa — amaro está no autocarro porque alguém em
damasco lhe dixo que nom compre visado para visitar o
líbano por quatro dias | fim de semana em beirut pensou |

— amaro baixa do veículo com o resto de passageiros, alguma passageira, entra no edifício, mostra passaporte, quando lhe pedem o visado repete o sabido | nom compre visado |, si compre visado responde o funcionário — o cláxon do autocarro está a chamar por el, a pobre comunicação nom semelha avançar, o condutor do autocarro regressa com a mochila que deixaras no assento e despede-se de ti | nom podes retardar mais a partida | — finalmente, sem saber como, fai-se a luz: o que tu explicas como nom necessidade de visado é oficialmente visado gratuito por quatro dias: o resultado é o mesmo→ selo no passaporte | ainda nom entendes por que tanta demora para um simples carimbo | e continuação do trânsito | mas o autocarro marchou |

se estás em | num | beirut ferido de morte: nom és colecionista senom acumulador | nom buscas: encontras |, enquanto objetos — mas si, assevera ela, padeces umha síndrome completista: quando descobres um escritor interessante tés que ler tudo o que escreveu, quando te topas com umha boa película nom te detés até conseguires todos os filmes da cineasta, quando escoitas um bom álbum: revisá-lo tudo estudá-lo tudo escoitá-lo tudo vê-lo tudo: porral de inquietude desesperança desassossego | caminhas e caminhas e caminhas e nunca chegas ao horizonte ao arco da velha | até à aceitação da impossibilidade da tarefa: vita brevis — nom tanto, pensa el: mais bem a final compreensom da inutilidade da arte | o home dedica a sua longa vida à umha investigação, obra definitiva: quando está a piques de finalizar entende o ridículo da missom e abandona a tarefa: vida absurda e perdida sem tempo para retomar a existência |

o sol perde a batalha contra a noite e indagas jeito de continuar a viagem — velho mercedes oferece passage barata

| de regresso a casa: deixar-se cair até ao mar | — a conversa é em francês, confirmas preço para evitar posteriores equívocos | que finalmente nom evitarás | : khamsat alaf lirat — chegados à noite do beirut pós-bélico nom sabes onde ficar: o taxista quer deixar-te à entrada da cidade, tu nom sabes aonde queres ir | hotel económico |, vês o companheiro de assento do autocarro de damasco | imigrante nigeriano com o que comodamente conversaste em inglês | que navega cara ao centro | aleda-se de que finalmente puderas chegar | e che indica por onde encontrar hotéis — instintivamente amaro sempre buscava o calor humano no lumpemproletariado, nos excluídos nas excluídas do sistema de classes: atravessando os bairros populares de marselha arrimava-se a filipino esfarrapado a pedir cigarro, nas ruas milenárias de roma escolhia o magrebino recém chegado para obter direções, compartia o caminho cara ao pireo com moço senegalês | analfabeto e solitário | ao que ajudava a escrever carta a mulher e filhos em desajeitado francês — nom era decisom consciente | política | senom busca dos iguais

A21

PRIMEIRO DIA · o primeiro dia, confusamente, um reduzido número de indivíduos sai das vivendas — surpresa das lojas desaparecidas trás as persianas metálicas, hipocondríaca desolaçom das ruas — a estrondosa cidade é páramo de silêncio — as poucas pessoas que saem à rua amorem-se, despistadas, ante os pequenos locais que, persiana a meio baixar, dispensam comestíveis tabacos água ante a indeterminaçom das normas da duraçom do confinamento, ante a incerteza do futuro

amaro ajeja amoreamento tal desde o terraço do hotel — num recanto acogula-se o lixo do dia | que em breve nom provocará mais que desagrado visual → pronto nom

haverá olfato censor | — nos terraços circundantes, um deles a braço de distância, revela-se aos poucos gente curiosa, habitantes e forasteiras forasteiros que assomam às balaustradas a espreitar os resíduos de vida na estreita e quebradiça ruela samjhana que nasce larga em chaksibari marg e se estreita de quebro em quebro | e som oito | até desaparecer numha pequena porta que dá saída a thamel marg | saída, nom entrada, a nom ser que se conheça a via→ amaro precisou de ajuda quando chegou mochila ao lombo em busca da hospedage do zen: por muito que soubesse que ante el havia, tinha que haver, umha rua foi incapaz de identificar essa lacônica porta amarela como lugar de entrada e mesmo quando um tendeiro próximo lhe indicou o acesso amaro duvidou durante os abandonados e sórdidos três primeiros quebros |mulher em porta interpreta a perturbaçom no rosto do visitante e com mao e cabeça alenta-o a seguir| |

ao serám abrem, breves e temerosas, algumas tendas mais — o pequeno restaurante da esquina está igualmente operativo a meia persiana: a família que o rege acode ao lugar de trabalho para usá-lo como cozinha familiar privada mas ante o pequeno grupo de persoas da vizinhança, a maioria inquietas moradoras dos três hotéis da ruela, que se junta na porta acaba aceitando a clientela do dia — ao dia seguinte amaro toma ali o seu café matinal ou mais precisamente: merca ali o café que toma sentado na porta do sweet dreams: o restaurante nom admite comensais = só se pode encarregar comida para levar — dous dias depois está pechado

MARRI CHIWEU · tarda em sair o bus de los ángeles: aforo completo, corredor cheo de gente — nom percebes quando woinshet desfalece, cai inconsciente | suavemente

amortecida pola massa humana que a rodea | entre os assentos — o percurso é lento e laborioso e nom é até chegados a santa bárbara que vês a olhada reprovadora de woinshet, samaritanamente sentada, hei-tiki noológico ao pescoço — duros trajetos, longas horas mal alimentadas: testabau que amaro ignora, tanta gente entre el ao fundo do bus e mais ela

em santa bárbara colhedes o seguinte ónibus de madrugada — passades controlo policial antes de chegardes a ralco — ali esperades horas: nada que fazer: espaços amplos, algum bar, umha loja, pechados, muitos pacos — antes de dardes um passeio rio arriba tendes que registrar-vos no posto de policía — comedes no restaurante la envidia | q-699; saudades calorosamente por papagaio no comedor |, caminhades três quilómetros até ao bar pangue | onde a q-689 se converte na q-687, à beira do rio homônimo; branca pomba domesticada na barra | — às duas e meia da tarde subides ao ónibus de palmucho tam carregado de gente — cerveja vinho e licores viajam de mao em mao e de boca em boca — um home ainda sóbrio chancea com o paco que lhe revisa o número de cartons de vinho — a metade de caminho o mesmo home enxuga as bágoas no ombro da companheira — cada pouco tempo o bus tem de parar para que os homes aliviem o líquido ingerido — o jovem revisor fai-lhes a woinshet e amaro umha rebaixa no bilhete — o bus recolhe um moço winka, guitarra e mochila, pelo claro, ligeira coxeira, que baixa canda vós — vás onde dona pancha? perguntades — nom sei, di; si sei, retifica: a senhora francisca levi urriao — acompanhade-lo e deixades as bolsas na casopa que o grupo de açom polo biobio construiu perto da pista | onde dormiredes | e seguides caminho arriba entre chacay invasor | o útil na tua terra é praga invasora |decorativa sem controlo| em terra alhea |

até onde os piquetes cortárom a pista — chegades tarde:
a polícia já levou quatro detidos: o grande e barbado
christian, o simpático pewenche agustín, a agradável ga-
briela do iep, juan pablo do gabb — a gente está sentada,
à espera, berrando-lhes aos pacos marri chiweu, pewenches
e winkas juntos, mulheres e homes juntos — nom tendes
onde mercar comida — pato, o da guitarra, apresenta-
-vos a chelo | o contato que tínhades de sandra |, que lê
a nota de sandra que lhe entregades — na assemblea pe-
wenche decide-se convocar à gente terça-feira para um
novo corte da pista → concentraçons | boicotes, sabotages |
contra os encoros do alto biobio | endesa, capital imperial,
neocolonialismo: o dinheiro chega mais longe que as
armas: romper a mítica | simbólica | fronteira do biobio |
— passades dias e frio: bafo da camaradage, lume da
luita, gélidas noites invernaís ao pé da cacheira | ninguém
quer ir dormir, ninguém se quer separar das cálidas
lapas, das conversas que esmorecem com o passo das
horas | — e a luita mapuche-pewenche | e vós | winkas |
unides-vos ao bruído de guerra: marri chiweu | : último
povo conquistado de abya yala, resistênci⁸a armada à co-
lonizaçom, êxito na resistênci⁸a polo caráter nom jerárquico
da sua organizaçom social: araucania além do biobio —
marri chiweu

acompanhades a marcia a casa da pancha — a filha, que
vos conhece de antes, pergunta: quem sodes, que quere-
des — ver a pancha — para que — essa hostil reaçom ante
a intromissom winka, tam habitual, comprovades, é arma
defensiva, jeito de preservar-se, atitude de resistênci⁸a —
e a amável pancha reconhece a tua voz: falas como o
páxaro da ananás, di

nom se pode lutar contra o dinheiro | essa alucinaçom co-
letiva | com pistolas — tu mascas charqui e sentencias:

mas si com bombas = sabotagem, impossibilitar as obras, fazê-las tam custosas | atacar o coração do capitalismo | que nom compensem → único jeito de evitá-las: esquece a luta política, os direitos humanos, a injustiça da expulsom deste povo das suas terras tradicionais | querer tapar a injustiça com dinheiro | — poderoso cavaleiro, lembra woinshet: dentro de dez anos o povo pewenche viverá na miséria rio abaixo, o alto biobio estará cheo de encoros, o dinheiro encherá as contas | a usura internacional | de endesas e governos amigos — daquela que fás aqui perguntas: para lutar compre otimismo político, o derrotismo é arma inimiga — nó tu, sorri woinshet travando no charqui: é esta impotência, este conhecimento da derrota por vir, o que me enche de genreira e me força a lutar | mesmo ao sacrifício na luta: quando nom tés mais que perder | capitalismo: imperialismo = colonialismo | hitler: consequência do capital

ao calor da cacheira rodrigo, simpático, dogmático, sorriso pícaro, narra películas cujos títulos nom lembra e conta chistes, alguns de galegos, cujo desenlace desconhece — umha noite colhe-vos à parte e invita-vos a participar da guerrilha anti-ralco que estão a projetar no alto biobio

A23

ADANSONIA DIGITATA · nom vos aconselho ir lá — rolindes lembra a biblioteca incendiada de jaffna e o conselho de theresa | rua rakkā, ^{2.250rs o quarto} a metros do estanque do templo do pilar | : nom só muçulmanos estão no ponto de mira, tamém cristaos — e ateus? pergunta amaro mentalmente: a pior caste, a mais imunda casta/**10** as ruas de mannar substituem as vacas de jaffna por asnos hieráticos e impassíveis no

10/ que impulsivo é este cativo sempre viveu na aldeia a úrsula joga com el que preferes coitelo para arriba ou coitelo para abaixo coitelo para arriba ah para arriba assi matas a deus e o neno pom-se como umha cabuja a berrar e tirar-se do pelo e comer terra que impulsivo é este cativo

asfalto — lagartos grises rubem polas pedras do insone forte, impossíveis bubelas peteiram as ervas dos elevados pátios — a velha península está em greve: persianas baixadas — rolindes e amaro encontram local aberto na rua principal que lhes avia dosas e caris para levar | ao hotel: 2.00ors o quarto duplo, labirínticas ruelas entre estanques e mesquitas e kovis e igrejas e embondeiros | e ao que nom voltarám, finalizada a greve, por esquirolo — que doado apoiar a luta desde a comodidade di el — tampouco nom é a nossa luta sorri ela: e nom convertamos greve política em greve de fome

em talaimannar | a umha hora de caminho em bus, 60ors até ao final da a14 | o caiado farol acautela oxidado e inutilizado peirau, remate do caminho de ferro, um e mais o outro mortos de espera desde há décadas, nom chegam trens, nom partem barcos, o que era trânsito é agora fistera, a guerra rematou mas as mortes | os medos | continuam — e aí, olhando para os ferros vedados, é quando se lhes achega o home do tricimoto que lhes oferece carreira à ponte de rama por 30ors e aí é quando atenta à negociação se lhes arrima chitra à que reconhecem do bus, viageira de madurai ao outro flanco da ponte que quer ver as ilhas que som passais, que finalmente comparte bajaj com eles, mas nom até à ponte, obviedade que o taxista esqueceu comentar, senom até onde a pista areosa remata: todo direito, indica → longa e dificultosa caminhada pola imensa praia até onde o mar os obriga a deter-se — alá na distância: os passais de adám — e no céu, surpreendentemente, as primeiras gaiotas, tam estranhamente ausentes destes mares — nom vos importa se me banho? interrompe chitra sacando os pantalons e deixando a camiseta a modo de fatelo de banho — por suposto que nom di rolindes imitando-a, expondo ao

sol canelas despigmentadas de vitiligo — três nas superficiais e cálidas águas

e entanto secam ao sol pel e roupa falam de tamil nadu e da guerra e dos tigres e do seu poderio militar | marítimo submarino aéreo | e de prabhakaran e da intransigência do governo cingalês e dos bombardeos indiscriminados das aldeas tamis e da inevitável derrota e dos ódios religiosos e dos políticos e da uniformidade e do medo à diversidade e da censura e dos cortes nas redes sociais para evitar a propagação dos tumultos e o medo o incomensurável medo de saber-te frágil fraca minoria que qualquer insípida agitação pode exterminar, o monstro da guerra que abate os muros de contenção e os escudos da razão que protegem dos aturujos de ódio, a barbárie que abre as portas do sadismo e permite matar o vizinho porque um dia te mirou torcido violar à vizinha nem sequer por desejo senom porque podes fazê-lo, demonstração de força, certificação de impunidade — essa é a guerra | a guerra nom tem nada de heroico: humilhação polas armas, impotência da palavra | — si, di amaro: e depois os autores de tanto massacre dim: nom remexamos no passado, nom abramos velhas bostelas, nom escabechemos a concórdia que tanto nos custou conseguir | o pacto imposto polos vencedores | — e acogulas-te de ódio até à frustração continua rolindes, um sorriso nos olhos, até que a próxima revolta ceive os teus instintos assassinos — chitra ri e convida-os para visitá-la em madurai sem saber que em meses deixarám de circular os avions, as fronteiras pecharám — amaro e rolindes despedem-se dela: baixam do bus uns quilómetros antes de chegarem de volta à cidade, à altura dos embondeiros da praia que visitam e penetram e a bubela imputada tosse ataques horizontais de solidariedade

CICATRIZ · quando chegaram à casa o irmão pequeno foi correndo ao soto deixando um carreiro de pingas vermelhas atrás de si e com um usado papel de jornal tapou o corte na parte interior da perna, por riba no nozelho, do que seguia a chorar líquido de dogmática cor | → delongar o castigo | — o intento de ocultação provocou maior violência na resposta do patrom, além de ser | precisamente por ser | claramente nocivo para a própria saúde, que em definitiva era responsabilidade familiar e social do progenitor oficial — levá-rom-te imediatamente ao médico? pontos de sutura? inquire agnieszka — nom: simples substituição do enchoupado papel impresso, pegado à carne, por crómer e gasa para deter a teimuda hemorragia — nom houve pontos e por nom haver pontos amaro pode ensinar fachendoso a pel suave e lampinha da grande cicatriz em forma de olho, claro de três centímetros por um no bosque de pelos por riba do artelho na parte interior da perna direita — e igual de orgulhoso saía o neno à rua com a carpola tingida de vermelho mercromina — | as minhas cicatrizes | vaidosas marcas da vida | som a minha identidade, afirma profeticamente tanya: por elas me conhecerám quando descubram o meu cadáver na rua | etelvino o tarambainas e amaro o sentenças foram à lixeira

da estaçom/11 onde o especial cheirume de vias, graxas e piche das travessas se misturava com o dos refugalhos de marisco — etelvino escaravelhava na parte superior, amaro remexia na inferior — garrafa rota começou a rodar lixeira em baixo, etelvino viu-na acelerar cara à perna de amaro,

11/ cachárom-nos metem-nos no recinto da estaçom e obrigam-nos a cumprir a pena o arsénio o etelvino e mais eu o castigo consiste em saltar dez objetos distintos se falhas umha vez volves repetir tudo mas com objetos mais altos em geral ninguém consegue completar os dez saltos mas com certa indulgência ainda que falhes os dous ou três

últimos soltam-te igualmente e eu agudo como um alho falho o segundo salto e ponhem-me umha altura maior e vejo que é impossível e o arsénio di-me que escape que já tudo está perdido e eu fraco como um estadulho coo-me pola abertura que deixa a cadea entre as duas folhas da cancela que os perseguidores nom podem atravessar e eu corro cara à fontela e passa um carro no que levam ao etelvino e ao arsénio e o etelvino bota a cabeça fora e berra que fará tudo o possível para ajudar-me si por favor farfulho desesperado correndo estrada abaixo e umha rapariga que é agente deles cruza-se-me com a bicicleta e eu chimpoo-a ao chao e colho a bíci e continuo a fugida bastante tempo depois volvo para a casa

amaro ergueu a vista e viu o cristal roto disposto a mor-
der, etelvino foi incapaz de reagir, amaro ficou paralisado,
o vidro mordeu

desde aquel dia etelvino sentiu-se responsável do irmao
pequeno e defendeu-no incansavelmente ao longo dos
anos, na rua e nas tabernas, nas pelejas e nas discussons
familiares, chegando a arriscar noites de calabouço por
atacar os polícias que atacavam amaro — quando amea-
çou ao pai com um coitelo^{D15} nom foi por sentir-se el
atacado senom em defesa do pequeno: tal ofensa con-
duziu à expulsom da casa paterna e ao início dumha
longa peregrinaçom

A25 **GOTCHA** · colhes o comboio em wimbledon rumo a camden
town, sais da estaçom de camden town, caminhas cara
ao canal, andas parelho ao canal a passos lentos, olha-
das nugalhás, sobes a gloucester avenue, buscas o nú-
mero 42 — colhes o comboio em wimbledon e antes de
cruzar o rio vês as brancas chaminés da central elétrica
de battersea, quatro brancos cilindros sobre imponente
massa de ladrilhos vermelhos | sabias da sua existência
nom da sua localizaçom: surpresa da cercania | — e a
partir de entom sempre apanharás essa linha para poder
olhá-la a prazer e imaginar os porcos voando — colhes

o comboio em wimbledon com bilhete truçado porque vás dumha ponta a outra da cidade e nessas estaçõs periféricas o controlo é manual-visual, nom mecânico — mas isso aprenderá-lo tempo despois — esse dia, antes de topar-te com a central elétrica, colhes o comboio em wimbledon, de manhã, fria sexta-feira de novembro, vagons quase baleiros, escoitas a voz do condutor através dos difusores: caros passageiros caras passageiras, por se é do vosso interesse margaret thatcher acaba de demitir — thatcher gotcha! pensas

agnieszka nom está contigo → viajas só porque nom podes | nom queres | compartir as tuas afeiçõs — agnieszka nom tem maior empenho em comparti-las: e acodes ao primeiro de maio só e vás semanalmente a camden só e tantas vezes masturbas-te só

quando regressas a casa ela confirma: somos | identificamo-nos com | aquilo que nom podemos escolher: o gênero a família o bairro a vila a língua a naçom — e tu pensas em úrsula que nom che fala desde há tempo porque nom cumpres com o teu cometido de irmao, de tio — se queres falar comigo por que nom me chamas? argumentas tu — se queres ver-me por que nom me visitas?: a distância é a mesma em ambas direçõs — úrsula de asas enfurrunha-se ainda mais ante uns argumentos que nom quer entender, ante a tua incapacidade de entender os seus: tés-te que comportar como família — | nom vai co meu génio | — e lembras-lhe a tua reaçom quando chegavas a casa e beijavas a mamá na cara e ela | mamá | te empurrava cara ao velho sussurrando: dá-lhe um bico, dá-lhe um bico a teu pai — e quiçá | nom seria a primeira vez |, se estavas de humor, achegarias-te às suas | do pai | coloradas façulas, mas só o feito de que mamá te obrigasse a fazê-lo | dicesse: isto é o que deves fazer | provocava-che umha parálise e

recuo insuperáveis — a família é mais importante que as amizades, pensas que pensam — nom: a família nom a escolhes, as amizades si; a família exige, as amizades respondem sem pedir nada a cámbio
quando regressas a casa nada disto acontece porque ainda nom se dérom as circunstâncias para que isto aconteça gotcha!

A26 **SOBERANIA** · o dia que voltastes a videferre → o dia inteiro de adega em adega | após jantar na ilustre cabana | até rematar no final da aldeia, ao final da rua do forno = no forno mesmo | comunal, restaurado, dentro cabe um home ergueito | onde se assa cabrito para vós, para todo o mundo mas para vós, a vossa presença detonante da celebraçom — acisclo, chiquita de licor café na mao, corbaceira no pelo, kohl nos olhos, cara pintada, roupas velhas, fala canso:

e a galiza que? — pretende-se um estado espanhol monárquico que reconheça algumas das reivindicaçons bascas e catalás | concerto fiscal idioma representaçom simbólica | para justificar um suposto federalismo formal e impedir a soberania dos povos — para o resto | a galiza incluída? | : recentralizaçom já iniciada pola direita e consentida polos socialistas — a galiza perderia assi o trem das nacionalidades históricas de jeito definitivo: a nossa espanholizaçom definitiva? — som momentos decisivos nos que inçar consciência nacional é tam prioritário como enfrentar as agressons sociais e laborais quotidianas — fortalecer e ampliar o sujeito político protagonista dos direitos coletivos, da soberania, é tarefa urgente para impedir a nossa desapareaçom como povo — fora de siglas, fora de discursos só para gentes iniciadas
ínhigo, magro e alto, curvado por engaiolada giba, pousa a

trikitixa no muro de pedra no que sentades: a galiza pola soberania?→ pois esfarelada em 20 ou 30 organizaçõs que ademais nom se podem ver entre elas e competem desapiedadamente pola sua parcela, mais preocupadas de que nom lhes movam os marcos que de compreender que onde remata um começa outro e logo segue outro e outro mais em cada um dos marcos — resultados eleitorais algo indicam: o amuo é grande e os contentores | o cofre-forte do bng mas tamém age: incapazes de contentar e contentar-se | fôrom desbordados, deixárom de ser únicos — se há responsabilidades que se atribuem a quem se apresenta para recolher apoios e nom dá feito, nom a quem vota — esta sociedade dá para o que dá — ainda mais: se por ela fora ainda estaríamos co corregedor real a bordo e o ferrolám ao leme

já cheira tanto insulto agressivo e desprezo ao povo galego | gente aldeá submissa e inculta consumidora de verbenas abduzida polo narco-caciquismo dos herdeiros de franco | no canto de analisar erros próprios especificidades eleitorais e critérios de país dissonantes — acaso os do quilómetro zero votam mais à esquerda que na galiza, acaso mesmo a esquerda centralista simpatiza mais coa galeguidade que a direita galega? — deixemos de considerarmo-nos diuturnos menores de idade | baixa estima sem fim | : nom é este o lugar para traçar cartografias em vermelho da galiza rebelde: bem a conhecedes | desde a soberania autogerida dos castros→ repúblicas independentes de donis e ilha de arousa, bairro noiés do couto, minas da silvarrosa, lajoso, loureiro, figueiroa, as pedreiras de marim, a paróquia cambadesa de castrelo | : pois a pô-la em valor no canto de obviá-la, atlas dissidente para umha memória comum: tarefa iniludível para fazer-se respeitar num futuro nom tutelado

ínhigo, milhaia entre o centeo, amargo como ruda, salouca salfurioso: o povo é quem mais ordena, a vontade popular é sagrada, somos um grande povo rebelde, se nom votamos as opçons que supostamente nos beneficiam é porque essas opçons nom nos fôrom ajeitadamente transmitidas, nom si? — em definitiva que nos tenhem que convencer como povo das bondades dos programas: mas só se pode convencer a quem consideras que está equivocado: portanto→ o povo, se precisar de convencimento, está equivocado

A27

AS BOLÉ · corvos garças cormoráns bubelas — depois deserto gazelas que se cruzam no caminho abutres pálidos camelos e cabras nômaes ovelhas burros três chacais — tamém flamingos, mas nom agora senom ao final do caminho; tamém girafa mas bidimensional | petróglifo em excrecência rochosa na superfície lanhada da grande barra | — impossível estrada que se volve inexistente, quatro por quatro agatunhando rochas coloradas | veículo chofer alojamento e comida para três dias = 132.000fr |

perfil serrado das chaminés, sol-pôr que tinge de encarnado pedra e lago, rufos rebanhos ao fundo, vapor que fumega de múltiplos orifícios: isto é que observas desde o terraço no que estás a cear com taliq e mais o matrimônio chamado expressamente para atender o solitário visitante — nom dormes numha das semi-esféricas choupanas portáteis cobertas | feitas | de esteiras que abundam no caminho: calmúrcio→ esteiras convertidas em colchom sobre plataforma de madeira: as estrelas como cobertor: com a única proteçom do mosquiteiro

a nossa presunçom leva-nos a pensar que o estádio atual do nosso pensamento é o definitivo: nom pode haver mais evoluçom — si, di ela: evoluçom, mormente técnica, si

admitimos: o que nos custa mais assumir é umha retificação — sendo como é essa presunção, continuas, tam doadamente contrariada: nom há mais que voltar a vista atrás: temos fé cega na nossa ciência médica, nom duvidamos das práticas cirúrgicas ou psiquiátricas às que nos deixamos submeter do mesmo jeito que há um século consentíamos trepanaçons e sangrias e há cinco décadas permitíamos que nos lobotomizassem | a mesma ciência que argumentava taxativamente a inferioridade intelectual de certas raças, a existência de raças em si | — si, di ela: somos tam conservadoras tam conformistas que aceitamos o estado atual como o único e melhor dos possíveis: nom nos cambies nada | nom vaia ser que tenhamos que comparar e por tanto decidir, é dizer: pensar |, sejam as horas de escravismo laboral | por que oito e nom seis? por que oito e nom doze? | seja a pedonalização do meu bairro | contra a que me manifestei agressivamente usando argumentos que agora utilizo para opor-me à reintrodução do tráfico rodado | — nom há força comparável à inércia — e se somos quem de retroceder dez lustros para desmontar as práticas do passado, prossegues, por que nos custa tanto ir cinco décadas adiante e imaginar o que pensará a comunidade científica de entom das nossas práticas atuais, avançadas agora, arcaicas desde o futuro? — e se reconhecemos o escandaloso atraso médico de há um século por que nom somos quem de reconhecermos o mesmo atraso relativo da ciência médica atual com respeito à vindeira? — nom tinham os recursos nem os conhecimentos que temos nós, dis — nom temos os conhecimentos nem os recursos que terám em cem anos, digo — o lago abbé reflete os derradeiros brilhos dum sol que nom tornará — rolindes fala: porque estamos demasiado apegadas apegados a verdades eternas e imutáveis que

queremos, cremos, esculpidas em pedra: a história, a ciência: a sua maleabilidade dá-nos vertige

A28 **INVESTIMENTO** · com a resolução do galo manhanzeiro a soleta agnieszka véu ao encontro de úrsula nas ancestrais lousas de paços de arenteiro — após nove anos de convivência sente-se estafada, dixo: com tudo o que investiu nel, a roupa a estadia em londres as viagens o amor o tempo as ilusons os fracassos a renuncia às numerosas alternativas: e agora abandona-me como rolha — agnieszka exige indemnizaçom por todo o exposto — úrsula pensou o que nom expressou verbalmente: o monopólio do amor, o amor como mercadoria, a concepçom capitalista do amor, a vida como planificaçom mercantil, as relaçons humanas baixo contrato imprescritível, o amor convertido em ódio — mas se agora odias tanto: os nove anos anteriores nom significárom nada? — nove anos de vida perdidos cumha pessoa que desprezas — antes nom desprezava — mas agora desprezas e nom por algo que fixo senom por algo que sente ou deixa de sentir: nom se podem comprar os sentimentos
sonhei que ínhigo estava vivo dixo agnieszka com saudades de tempos melhores

A29 **ABU SIMBEL** · sentados frente ao lago que foi rio esse caminho de costas aos colossos: sós, completamente sós ao longo do dia, à espera da noite, passeio pola aldeia abandonada, invitaçom núbia a umha cunca de karkadé | na casa da vendedora de artesanato cujas ofertas declinam cortesmente | : estranheza de encontrar-se com os estrangeiros, sós, a gente tem medo, levamos semanas sem ver ninguém — medo à revoluçom — | nom foi assi como contas retifica rolindes: a tua explicaçom insinua que a

invitação à casa família tem como fim o intercâmbio comercial e é tudo o contrário: estamos sentados |cálida noite| na pequena praça quando a vendedora se nos aproxima e nos oferece pulseiras e colares que efetivamente declinamos, mas é a partir da declinação que a mulher senta conosco falamos um bocadinho e entom, nom antes, invita-nos à sua casa |

um dia antes, sentados frente ao lago, bebendo do sabil, o vendedor de jornais ensina-lhes portada = morreu o comandante Chávez lamenta com tristura e eles com tristura recebem a má nova — povo revolucionário — primeiras revoluções da humanidade^{2.400 ac} — mas agora: revolução atraída, primeiro pela cidadania que vota a opção conservadora |isso si: a melhor organizada: irmãos muçulmanos |, depois |nova revolta contra o governo liberal conservador e religioso | pelo exército que derrocou o presidente | com o aplauso das revolucionárias dos revolucionários — de nós mesmos, nom esqueças, aponta rolindes entom sente a água correr cara ao encoro |, quando o povo nom só tinha a legitimidade senom a força bem demonstrada de paralisar o país derrubar qualquer governo qualquer tirania — fellahin — com um alto preço, observa rolindes: mortos mortas — isso nom é o preço responde el senom o detonante — nom te pasmes insiste ela, bebendo do sabil | comendo da massera |, tanto calor: nom há nenhuma diferença entre os irmãos muçulmanos e a nossa democracia cristá, o nosso partido popular herdeiro do franquismo: liberalismo econômico conservador |vassallos do capital | e tradicionalismo religioso: ambos partidos imponhem as normas morais das suas crenças como leis sociopolíticas — nenhuma diferença — ver o arujo em olho alheo^{150 guinéus} regressam ao hotel abbas: únicos inquilinos

FEAKLE · manchea de habitantes completamente desbordada por população visitante, domingo manhã — arnaldo, arsénio e amaro | café no bar moloneys | vem-se superados em numero após missa | igreja paroquial convenientemente situada a 150m da taberna | taberna no caminho do fogar: obrigada parada | — a pequena aldeia: reduzi-dos a vida na baiuca: pintas de guinness ^{is good for you} hora após hora: dia inteiro, húmido descenso cara à noite, cantos, músicas, animação além da hora legal de encerramento — amaro só lembra o caminho à tenda de campanha que plantárom numha leira ao pé da estrada: acompanhado | ajudado | por umha moça irlandesa que fala catalám | isso crê lembrar | e cujo nome nom pode recordar — sabe que o ajudou a entrar na tenda, que lhe quitou as botas | mercadas em belfast para fazer frente às inesperadas chuvas estivais | , que rejeitou com doçura os insulsos argumentos amatórios de amaro — ao dia seguinte: o estômago de amaro rejeita toda ingestom | mesmo de água | — arsénio e arnaldo ajudam-no a recuperar girons de noite: mediado polo seu relato amaro vê-se | crê lembrar-se | tirado no chao entre os músicos até que a amiga irlandesa o resgata e o acompanha à tenda

durante dous dias amaro arroja tudo o que ingere — arsénio e arnaldo falam de literatura de ficçom de originalidade: a intranscendência dumha, a ingenuidade da seguinte, a vam ilusom da terceira | argumenta arnaldo, rebate arsénio que guarda para a posteridade cópia das cartas que lhe envia à moça | nom lhe escreves à moça, pensa amaro: escreves para ti, para a construção da tua pessoa literária, escritor sem escritura, correspondência de novelista sem novela | — amaro, desde o assento de atrás, quer mas nom pode intervir: mareo de vozes e curvas — apenas um fio de pensamento: lembras quando o mouro marchou

para albacete, queres dizer, após deixar a casa: trabalhou num circo no que umha elefanta matou o domador, buscou choio de camareiro, na obra, chegavam novas de vez em quando através de alguém que estivera com el: o mouro sem trabalho, borracho nos bares nos que já nom lhe fiavam nem o queriam de cliente — e na vila reconstruíades | ficcionalizávades | o percurso vital: romántica e retilínea decadência — e tantos anos depois o mouro regressou ao carvalhinho com família | lindíssima mulher, bem-educado filho | e carro exuberantes: e a ficçom coletiva | opressiva, coadjuvada polo vosso desprezo | construída durante umha década esvaeceu-se na sua inconsistente inocência

dez anos depois amaro passa por lekeitio^{c32} e chama a arnaldo — falam da viage a irlanda e lembram situaçons — amaro recorda feakle com certo orgulho: o seu corpo tirado entre os músicos — isso é o que lhe contaram ao dia seguinte, isso é o que arsénio lhe confirmava cada vez que falavam da viage, essa é a lembrança que amaro gravou — nom foi assi, di arnaldo: decidimos contar-che isso para amolar-te por ter-te ido coa rapariga — o orgulho de amaro abanea um tanto — tampouco nom me fum com ela, queres dizer: mas nada sai da halitósica boca aberta — que arnaldo | e arsénio, com o que nom se fala | nom prescindam da ficçom

CACTLI · ao cabo de sete dias segues parando no mesmo hotel da avenida francisco madero: o zócalo | multitudinário encontro com cuauhtémoc cárdenas | está a um passo e a biblioteca que freqüentas todas as manhás | recopilaçom de todos os textos emitidos polo ezln e publicados em la jornada desde o primeiro de janeiro: e la nave va será a primeira publicaçom mundial, em qualquer idioma, da

A31

excelente literatura maia, integral, do sup marcos | a
meia dúzia de quadras — estás só: agnieszka regressou a
londres — a semana de soidade empeça a tingir-se de sau-
dade, o desejo da sua partida em lamento — embigo da
lua — de vénus = couselo — | os dous embigos de agnies-
zka: és a primeira pessoa que conheço que me pede ver a
ileostomia constata ela entre surpreendida e agradecida
quitando a bolsa e mostrando o deslocado ánus | — a ro-
tina diária enche-se de conversas com ela, lembradas, vir-
tuais: sentados ao pé do ^{jameo} cenote em valladolid: horas dias
anos de sofrimento inquietude enfermidade úlceras des-
conforto desamores choros, tudo isso, tudo, compensa
por um momento de paz e felicidade como este, certifica
agnieszka

onte vim umha película política: obreiros em greve por me-
lhores condições laborais: o protagonista, num primeiro
momento conformista | aliado da patronal |, converte-se
sem querê-lo em líder da revolta — mas ao que ia: este
obreiro esperta junto à mulher: nova, lindíssima e abun-
dosamente cosmetizada: lábios, olhos — quem vai prà
cama sem desmaquilhar? — quem esperta coa cara per-
feitamente pintada após oito horas de sono? — todo o
valor político da película dilui-se nesta cena inaugural —
amaro cala — passam noventa segundos — agnieszka co-
meça: recordas a conversa que ouvimos às portas do ci-
nema, saindo daquela película de loach? — a ortopédica
irritação daquel moço: como se podem ensinar umhas
xatarelas assi, nom há direito — be pretty and shut up —
os peitos em quëstom = mulher | nova guapa | na cama
| por que sempre tenhem que ir parelhas mulher e ca-
ma |, torso espido, peitos à vista: o que deveria resultar
prazenteiro à vista do indignado moço volve-se ataque
pessoal, insulto: os peitos som assimétricos e afastados

do arredondamento estético canônico — como se atreve a exibi-los assi, sem pudor — o ser humano nom tem remédio conclui agnieszka, sempre alporiçada por estas condutas — o home que senta ao seu carom, olhando-se os huaraches que abaneam no ar como elefante em aranha, concorda: temos tam assimilado o papel erótico | funcional | da mulher que qualquer desvio molesta — mas isto nom é desvio interrompe ela: vai muito mais alá→ a inadmissibilidade da exposição pública dum corpo feminino que no canto de excitar produz rejeito — que se tape pensa o moço; ao igual que pensará dumha parelha de homes beijando-se na rua: que o fagam na casa — que morram os feos as feas — polo menos que se ocultem — o home nom tem remédio

xi'nich — som distintos os passos mas um só o anelo — quando os débeis se rebelam chamam-no violência — palavra pequena mas verdadeira — e o lacandom de longa cabeleira e olhar amuado sorri desde a escadaria do palácio de palenque

FAMADIHANA · nom existe umha teleologia da vida — a nossa existência nom tem mais sentido que a dumha pinga de água caindo na montanha — mas certas gentes insistem em pregarem desígnios cósmicos para essa pobre gota convertendo-a em mensageira divina à que se lhe adjudica a missom de regar e fomentar a vida na floresta — a vida nom tem sentido como nom o tem a acumulação individual de riqueza — tampouco nom busquemos a imortalidade através das artes porque o ser humano, que só leva neste planeta uns poucos milheiros de anos, desaparecerá em breve do universo | vingança planetária | — nesta existência sem finalidade nom tem sentido que tenhamos que aturar injustiças que nos amarguem os escassos anos

A32

de vida que nos som dados: a nossa única opção existencial como seres humanos há de ser a militância política para que a ausência de teleologia vital nom nos converta em parvos apaleados

a morte está aí presente desde o nascimento ao igual que a planta está presente na pevide — e essa omnipresença da morte, em vez de fazer-nos conscientes das futilidades capitalistas e da necessidade da solidariedade como premissa social, encarreira à maioria da população cara a umha série de crenças e superstições que entendo e nom entendo — compreendo o medo mas nom podó aceitar os sistemas religiosos nacidos desse medo, sejam extintos ou estejam ativos, porque igual de absurdo me parece o culto católico que a adoração a ra ou osíris, tam estúpidos semelham os ritos judeus como os da população romana nos templos de marte e apolo — as religions nacen e morrem e essa é a melhor prova da sua intrínseca falsidade

ah mas a morte... — que fazer ante a desesperança da morte — tudo nace da morte — as religions nacen dos ritos funerários, tam variados como pitorescos — ante o passamento dos seus maridos as mulheres do povo sena do sul de malawi praticam a kulowa kufa | curaçom através do sexo → as viúvas ham de pechar-se vários dias com um home, a ser possível irmao do falecido, para assi espantar a morte por meio do erotismo | — em varanasi, nas beiras do ganga, os parentes dos defuntos queimam os cadáveres antes de guindá-los ao rio sagrado: durante a cremaçom rompem ossos e crânios para que medulas e cérebros tenham a sua raçom de lume — os farsis deixam os corpos nas torres do silêncio | dakhma | para serem devorados polos abutres — estas aves tamém som essenciais nos enterros aéreos | jhator | do tibet e de ásia central nos que

os familiares despeçam os cadáveres para que preeiras ou necrófagas os ingiram doadamente
mas o ritual funerário mais extraordinário que tívem a oportunidade de presenciar, continua amaro ante umha aborta birgitte, é a famadihana, a volteadura dos ossos que entre julho e setembro praticam os povos betsileo e merina do altiplano de madagáscar — é umha celebração familiar à que está invitada toda a vizinhança — nela exumam-se os cadáveres dos antepassados para se comunicar com eles, celebrar o reencontro, cambiar os velhos sudários, combinar | segundo o seu estado de putrefação | vários cadáveres num só vulto e aproveitar para desfazer-se dos cadaleitos podres — após um festejo cheo de álcool e alegria e bailes com os devanceiros, alçados no ar com as suas mortaldas novas, os mortos som retornados ao panteom familiar e a porta, que sempre mira ao ocaso, pecha-se até à seguinte ocasiom — é umha cerimônia custosa que dura vários dias e que a gente invitada ajuda a sufragar com as suas aportações — é um baile com os mortos nos que a tristura da morte é superada pola sinuosa alegria do reencontro e polas conversas com os parentes partidos

o areoso cabo grenen | o mais septentrional do país que nom obstante olha cara ao leste: gotemburgo | perde-se no mar e no lusco-fusco — birgitte recolhe o frio de amaro no badil dumha aperta | gélido outubro | e regressa ao carro — a volta rodada fai-se em silêncio/12

guldsmedgade 38^o 8000 århus c.

12/ debí de haber traído sombrero o algo este sol matador y por encima tener que pedalear cuesta arriba cinco quilómetros de cuesta pero prefiero así que al contrario porque de esta manera el regreso está garantizado sin esfuerzo llevo veinte minutos pedaleando no sé dónde queda la aldea creo que la encontraré sé que no está lejos la reconoceré en cuanto la vea de ella sale el camino para el monasterio nunca vine por estas partes nunca fui más allá de arcos y me gusta sol

matador que lejos está la aldea pedaleo y pedaleo y por fin veo la señal que dice souto sé que al pasarla encontraré una granja y me meteré por el camino que pasa a su lado y llegaré a una bifurcación que me dejará dubitativo y me decidiré por la derecha pero no veré ni iglesia ni pazo ni mosteiro a menos de cien metros asoma la iglesia una iglesia y caminaré hacia ella cargando con la bici por camino embarrado y pedregoso y veré el tejado de la iglesia y llevaré una decepción pero al acercarme comprobaré que la iglesia no tiene tejado que es la iglesia buscada edificio del siglo xii rodeado de cemento plaza cementada tan buena para andar en la bicicleta que apoyo contra un poste de la luz saco el candado me dispongo a atarla

estou a jogar à pelota co xepe polo caminho velho aproxima-se um rapaz tur-rando de bicicleta é um bom moço mas tem pinta de palerma quando chega ao caminho novo monta nela e chega junto a nós e cadea-a ao poste da luz e fode-me fode-me que nos tome por ladrons que ate a bíci como tesouro que lhe fôs-semos roubar estou por ir lá e achegar-lhe a roupa ao lombo ei por que atas a bíci eh pues porque rasca a cachola e entram-me ganas de arrear-lhe um fun-gueiraço pues para que no me la roben

este chaval que se cree apenas once años y ya todo un matón que quedo in-móvil espero e por que cha iam roubar pues porque hay mucho ladrón suelto un puñetazo me acaba de dar un puñetazo el instinto me pide devolvérselo pero me quedo quieto me corta que me hable en gallego es como si me obligase a hablarlo a mí también eh que no me metí contigo será mejor que pares si no quieres arrepentirte

asqueroso covarde mágoa me dá vou-no deixar és um asqueroso covarde e dou meia volta e continuo a jogar co xepe o xepe nom se moveu contemplando a cena em silêncio sem agir cuidado berra quando sinto a pedrada no lombo é o repugnante vilego o traidor e covarde vilego dou-me volta e quedo-me fitando-o mentres desencadea a bíci todo apurado colho-o polos pelos e sacudo-o e arrebolo-o contra o poste e tiro-o ao chao até que sangra polo nariz segue-me a dar lástima dás-me lástima enquanto lhe nace um tope na testa e endireita o queixo

le doy pena al asqueroso cobarde porque me pilló desprevenido si no ya vería me cojiste desprevenido si no ya verías pois agora nom estás despreve-nido le espeto una patada en la entrepierna que escassamente siente sobram-che dentes pregunto y con mucha calma me lanzo contra él vás apanhar nos lomedros y comienza la contienda

nojento vilego saca-me um metro mas é um covarde que nom sabe pelejar seguro que é dessas persoas que nom distingue a estruga do mentraste nom inda pior seguro que nunca viu umha pega mas está nervoso dim-lhe demasiado forte nos colhons deixo-o coa sua dor e bicicleta sigo a jogar co xepe

parece que me empiezan a doler los huevos me siento un rato para contener

el dolor calmarme no sé si volver a coger la bici a lo peor se vuelve a poner chulo aunque con una buena bofetada igual me deja en paz lo que me jode es el viaje en balde ahora que estoy aquí sería de idiotas no entrar en la iglesia voy cara a la puerta entro el suelo está musgoso resbalazido estrado de tejas rotas el sol cae oblicuo por el inexistente techo al fondo tres retablos de madera la pintura des-conchada en la esquina la pila bautismal escucho los gritos de los dos chavales que jogam à pelota eu o vilego aqui dentro

